Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2834unse

NO XXVIII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, Abril-Maio de 1952 — N. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

O Espiritismo, o Evangelho e a Imortalidade	*Redação*
Lutando pela Paz	*Pereira Guedes*
A' Allan Kardec	*Leopoldo Machado*
A Dupla Personalidade — Regressão da Memória	*Carlos Imbassahy*
Prodígios do Pensamento	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Dr. Lins de Vasconcelos	*Alfredo d'Alcântara*
Os «Poltergeister»	*Max Kohleisen*
«Em uma só palavra : AMOR» . .	*Natalio Ceccarini*
O Espiritismo e a Assistência Religiosa	*Deolindo Amorim*
Manifestação Ectoplásmica de Napoleão sôbre um Cavalo Branco . .	*Redação*
Uma Grande Perda ?	*Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*
Necrologia	*Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Milagres de Jesus
Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVIII — E. S. Paulo — Matão, Abril e Maio de 1952 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo, o Evangelho e a Imortalidade

LICERÇADO no seu tríplice aspecto — Ciência, Filosofia e Religião — o Espiritismo, que é um conjunto de ensinos dos Espíritos Superiores, da Falange denominada Espírito de Verdade ou Paracleto, segundo a afirmativa de Jesus, vai, aos poucos, colocando as cousas no seu verdadeiro lugar, pregando simultaneamente a imortalidade da alma e o Evangelho em espírito vivificante, apoiado nos factos ou fenômenos psíquicos que se reproduzem das mais variadas formas em toda a parte, confirmando a profecia de Joel, segundo a qual chegaria o tempo em que o espírito seria derramado sôbre tode a carne, nos mancebos e nos velhos.

Estamos sendo testemunhas oculares da plena realização dessa profecia, pois os factos espíritas se reproduzem cada vez mais a miudo, a ponto de despertarem o interêsse de obstinados materialistas e até dos detratores desta Doutrina, muitos dos quais fazem ocultamente as suas sessões, porque também querem ouvir a palavra dos chamados mortos, à semelhança de Nicodemos, que procurou Jesus à noite para não ser visto e depois censurado pelos fariseus. Nicodemos queria conhecer a Verdade, mas era escravo dos preconceitos religiosos e sociais.

Ninguém que observe o movimento espírita póde negar que o Espiritismo está avançando cada vez mais em todas as direções. A imprensa profana, que até ha pouco tempo não publicava factos e notas espíritas, escrava dos preconceitos e dos interesses pecuniários, hoje faz questão de publicar em primeira mão os factos psíquicos ou espíritas que se reproduzem no seio de todas as religiões, factos que se verificam com pessoas de todas as camadas sociais, sem distinção de raça, côr e idade. A maioria de tais factos entra nos anais espíritas por intermédio da imprensa profana.

As estações radiofônicas, que também não cediam o microfône aos espíritas, hoje o cedem e até organizam expontaneamente programas em que relatam os factos psíquicos que chegam ao seu conhecimento, confirmando assim as predições de Jesus, segundo as quais o Evangelho seria pregado até de cima dos telhados. E o que o Evangelho prega ? — A imortalidade da alma e a sua comunicação com os vivos, e o amor fraterno, que resume todas as virtudes, sem as quais ninguém, por mais poderoso e sábio que se julgue, conseguirá subir os degraus da Escada da Perfeição, que começa nos mundos inferiores e se dirige aos mundos superiores destinados aos sêres que, pela prática do Bem, deles se tornam dignos.

A prova de que o Evangelho pre-

ga a imortalidade da alma ressalta quando Jesus estabeleceu contacto com os espíritos de Elias e Moisés no Monte Tabor. Estas duas altas personalidades foram dois dos profétas do Velho Testamento, que reapareceram para dar testemunho da sobrevivência individual, não a Jesus, que já o sabia, mas aos três discípulos que o acompanharam, Pedro, Tiago e João, que deveriam propagar êsse acontecimento, como de facto o fizeram.

Outros factos narrados no Evangelho, como por exemplo, a ressurreição de Lázaro, o simples facto de Jesus expelir espíritos imundos, provam categoricamente a imortalidade da alma, prova que Jesus ratificou quando Êle mesmo, logo depois da sua morte, apareceu aos seus discípulos diversas vezes e por último permanecendo no meio deles durante quarenta dias.

O Evangelho, ao mesmo tempo que préga e prova a imortalidade da alma, para que a luz da fé e da esperança se acenda em todos os corações e ilumine todos os cérebros, préga os preceitos de Jesus, baseados no amor do próximo, como condição primordial para a creatura ser realmente feliz no futuro que a aguarda.

O Espiritismo está cumprindo à risca a sua missão de Paracleto, e à medida que o tempo avança, maior será a sua influência nos destinos da humanidade, que encontrará nêle a ancôra da salvação. E muitos já tiveram a ventura de encontrá-la e estão plenamente convencidos de que estão perto da porta do reino da felicidade, que é o Reino de Deus.

LUTANDO PELA PAZ

Jamais seremos apanhados lutando contra a paz, visto que não pleiteamos apenas uma paz espiritual, mas total, quer para as emoções espirituais, quer para a tranquilidade do homem no cumprimento dos seus deveres como colaborador da humanidade.

Não repudiamos nenhuma forma de paz, quer seja a de Varsóvia, a de Stocolmo, a da Rússia ou do Vaticano. A «paz» que escrevemos entre aspas, não é religiosa nem social, mas, política. Esta é, na opinião de um verborrágico dialeta marxista, uma espécie de cantiga de embalar crianças. Enquanto todos os povos amantes da concórdia pregam a paz do «Apêlo de Stocolmo», num verdadeiro equívoco, ante um perfeito «SI VIS PACEM, PARA BELLUM» uma sexta parte da terra, sob a autêntica pressão reacionária da mais violenta das ditaduras, se arma com o mais poderoso exército do mundo, e as mais aperfeiçoadas armas de guerra, inclusive a bomba atômica, para a arrancada definitiva e o domínio absoluto do mundo então escravizado, como pretende.

O Cristo, realmente, foi tido como falso Messias, mas nem por isso seriamos capaz de colocar no mesmo plano de igualdade, o Cristo e o Koba, ou Soso, o frio e trunculento dominador do povo russo, onde a opinião de um é a opinião de todos, como nos descreveu o insuspeito André Gide ao regressar da U. R. S. S., onde fôra falar e falou à mocidade russa.

A paz que deve merecer a confiança de todos os povos, não poderá ser política nem religiosa. Estas têm objetivos partidários e serão, quando o objeto fôr político, obtida pela fôrça; quando religioso pela subordinação à fé; mas, a paz que buscamos e que há de vir, não pela imposição, apêlo ou convenção política, em ação deturpada como acontece com o célebre Apêlo de Stocolmo; a paz que buscamos, repetimos, virá com a colaboração de todas as correntes, filosóficas, religiosas e políticas, porque será o fruto do esfôrço fraternal da humanidade, no cadinho purificador dos sofrimentos terrenos. Não será a paz de Varsóvia, nem de Stocolmo, nem da União Soviética e nem do Vaticano. Será a paz da Humana raça, ao atingir as culminâncias de sua evolução social.

O Cristo estará por certo, solidário com todos os movimentos honestos em pról da paz, apoiando os que sinceramente lançaram a idéia no Conselho Mundial; estará, sem dúvida, com os fi-

lósofos, os religiosos, os espiritualistas e os materialistas, desde que se esforcem nêsse sentido, mas, não estará, certamente, com os simuladores, sejam eles democratas ou comunistas, «trumanistas» ou «estalinistas», e não poderá estar também, nem com o Estado e nem com o homem que, pregam a paz e exploram os homens, econômica e espiritualmente.

Somos e lutaremos sempre e cada vez mais em favor da paz entre todos os povos, quaisquer que sejam os seus pontos de vista religiosos, filosóficos e políticos. Lutamos em favor da paz e desfraldamos, como principal argumento, a bandeira do Evangelho, ressaltando o seu dístico sagradc — Amai-vos uns aos outros.

PEREIRA GUEDES.

A' Allan Kardec

Justa e pequena homenagem ao 83.º aniversário de seu desincarne, a 31 de Março de 1952.—Para a solenidade da U. D. J., no «Teatro João Caetano».

Há 83 anos, desencarna-se o sr. Leon Hipólite Denizard Rivaille, o Coodificador do Espiritismo!

Desencarne esperado, de quem levara enfêrmo anos e meses, metido na sua cama, cercado de pessoas amigas?

Nada disso, que, parece, nem tempo para ficar enfêrmo êle teve!

Densencarne de homem de ação, de verdadeiro espírita que, conscio de seus afazeres de toda sorte, nunca tem tempo para descansos, para férias, para doenças. Nem para morrer! Por isso mesmo é que falecera agitadissimo, no meio de seus trens caseiros, na perspectiva de nova mudança.

Belo desencarne o seu!

* * *

Elaborava êle o *Livro dos Espíritos* — essa obra que, repetimos, num futuro próximo, será a Terceira Parte da Bíblia, pela explicação lógica que ajusta aos fenômenos espíritas do Velho e do Novo Testamento; elaborava êle o *Livro dos Espíritos*, quando seu guia espiritual lhe abre uma nesga da cortina de seu passado...

Diz que êle havia sido, precisamente na prehistória gaulesa, um sacerdote druida, chamado Allan Kardec.

O Allan Kardec druida, que pregava a reincarnação e confabulava com os Espíritos, teria que vir, talvez quatro mil anos depois, consolidar suas crenças, cristianizar sua prégação, abrir novos horizontes espirituais à humanidade.

Dr. Leon Hipólite Denizard Rivaille assinaria seus livros com o pseudônimo, que já lho fôra nome próprio, de Allan Kardec.

* * *

O Cristo de Deus andava pregando sua doutrina.

Doutrina Nova?

Absolutamente! A mesma Lei Antiga, interpretada em moldes modernos para a época, que o Cristo não veio revogar a Lei. Veio, — isto, sim! dar-lhe cumprimento!

Á sua interpretação chamava Boa Nova.

Nova, sómente, no sentido humano e espiritualista da Lei.

Um doutor da Lei, ansioso de conhecê-Lo, de perto, a quem chegaram os écos da Doutrina do Divino Amigo, procurou-o á noite.

Preconceitos, para que o mundo profano e os homens de sua seita não o soubessem?

Naturalmente.

Queria o Doutor da Lei saber, em verdade e definitivamente, o que se deve fazer para chegar-se à Glória.

«Muito pouco», diz lhe o Divino Amigo. «Apenas nascer de novo.»

E admirou-se o Mestre que o Doutor da Lei, um Mestre em Israel ignorasse essas coisas.

Ignorava-as, efetivamente.

Ora, se, no tempo do Cristo, um Mestre em Israel, um Doutor da Lei ignorava essas coisas...

Nicodemcs volta para casa meditabundo.

E não se resolveu seguir o Mestre, que seria sacrificar as honrarias de sua casta, de seu prestígio, de sua carreira.

Conhecemos uma revelação do Além

que diz Allan Kardec havia sido Nicodemos.

E aceitamos, sem afirmá-lo em definitivo, que elementos não temos para tanto.

Aceitamos que um Doutor da Lei do tempo do Cristo tenha sido, 19 séculos depois, muitas vezes doutor de outras leis, que desprezou, para pregar aquela mesma reincarnação que, 19 séculos antes, não pudera, ou não quisera compreender.

Mestre em Israel, Doutor da Lei, não teve coragem de sacrificar seu doutorismo por uma verdade que lhe saltava aos olhos, à inteligência.

Dezenove séculos depois, médico e bacharel, escritor e professor, contabilista e didata, sacrifica tudo isso, põe tudo isso em fogo para que uma verdade nova, outra Boa Nova, ficasse, definitivamente, cravada a ouro de Lei, nas páginas da História da Humanidade.

Perfeitamente natural e aceitável, justo e oportuno!

* * *

Aos extertores da Idade Média, quatrocentos anos depois do Cristo, um sacerdote acreditado, de Praga, capital da Bohemia, insurge-se contra sua religião. E protesta contra seus erros, contra sua prepotência, contra seu fastígio.

Sem o saber e o sentir, se faz, ao mesmo tempo, precursor do Protestantismo e do Espiritismo.

Escreve coisas que desagradam o clero, prega verdades que ofendem a Igreja, agita idéias, que se chocam com os ensinos de Roma.

Nem por ser clérigo — e dos mais acreditados! — nem por ser o confessor prediléto da Raínha de Bohemia, João Huss consegue fugir à íra clerical.

O Concilio de Niceia arma-lhe a destruidora fogueira inquisitorial, em que João Huss é transformado em churrasco humano, *ad majorem Dei Gloriam*.

Uma velhinha, tremula e fraca, aproxima-se dêle com uma tocha acêsa na mão.

— Para que isto, vovozinha!

— Para queimar o hereje.

— Santa simplicidade! — lamenta o herói.

Allan Kardec teria sido João Huss.

Eis outra revelação sabida de todos.

* * *

Seis séculos depois, é a época do dr. Leon Hipólite. E' a época do mesmo homem com a autoridade do Allan Kardec druida, com a cultura, mas destemerosa, de Nicodemos hebreu, com o arrojo desassombrado do João Huss bohemio. E' numa palavra, o homem preparado e espiritualizado para o cumprimento da missão grandiosissima.

* * *

Diz ilustre exegeta que a humanidade, dá, de dois em dois mil anos, saltos extraordinários, abre fileiras respeitáveis no coração do Mundo.

Principalmente, no sentido espiritualista da Vida.

Allan Kardec teria sido o sacerdote druida muito antes do Cristo.

E, talvez, até antes, de Abraão, o tronco do judaismo organizado.

Abraão existiu dois mil anos antes do Cristo.

No tempo do Cristo, foi Nicodemos uma das figuras, a despeito de tudo, mais simpática.

Catorze séculos depois do Cristo, João Huss viria marcar época luminosa na História, através dos séculos.

Quem teria sido o mesmo Espírito entre Abraão e Jesus?

E talvez, a dentro do mesmo povo hebreu, incontestavelmente, o único povo monoteista da antiguidade?

E' uma pergunta que deixamos aos mestres e pesquisadores, aos exegetas e estudiosos do passado.

E, com esta pergunta, o *finis* à nossa pálida e exigua homenagem a Allan Kardec.

Leopoldo Machado.

Assim como sem esfôrço ninguém póde fazer uma obra realmente bôa, assim também não sereis felizes se não vos esforçardes no sentido de alijar de vós as imperfeições e vícios, que são os maiores obstáculos à obtenção da paz e da felicidade.

GREGORIO.

A Dupla Personalidade — Regressão da Memória

I

Tratava-se de reencarnação. Como eu dissesse que o valor da Ciência está na demonstração e o da Filosofia na lógica, revida, nos seguintes termos, o ilustrado biologista Dr. Otilio Machado:

«*Parece a quem lê, que o Sr. C. I. é um defensor denodado das verdades demonstradas pela Ciência e tem uma lógica de ferro nas suas dissertações filosóficas. Puro engano. A frase transcrita é mêra demagogia de literato capaz de escrever o que não faz e dizer o que não sente.*»

Se o honrado catedrático dissesse que eu não sei nada de Ciência e que pouco entendo de Filosofia, estaria mais no certo e pouparia seu esclarecido espírito à mácula de um injustificável e lamentável aleive, qual o de afirmar que escrevo o que não faço ou digo o que não sinto.

Salientando a minha literatice de demagogo, estabelece o mestre o seguinte dogma científico, que apresenta entre outros, talvez por demonstrar quanto me falta a razão no sustentar a necessidade das provas.

«*Fatos de regressão da memória os psicólogos de todo mundo têm registrado bem como os de desdobramento da personalidade. São fenômenos psíquicos sem a mínima relação com os fenômenos espíritas e nada provam quanto à reencarnação.*» *(Him. 26-1-52.)*

Parece que o Professor, por me evitar o trabalho de defender a minha tese, apressou-se em fornecer-me um exemplo que me poupa a grandes canseiras. Aqui temos um postulado onde se faria necessária a demonstração a que me refiro, para que pudessemos ter a convicção de que «*fatos da regressão da memória e do desdobramento da personalidade nada têm com os fenômenos espíritas e nada provam quanto à reencarnação.*»

Porque o que se sabe até agora, fora do terreno espírita, é que nada se sabe do assunto. Ainda mesmo naquele terreno, torna-se necessário um grande trabalho de pesquisa e um critério estritamente científico, para discriminar os fenômenos que temos diante dos olhos. Por maneira que é de a gente ficar perplexa quando ouve dizer que já está tudo claro, que as dúvidas se varreram das mentes científicas, que o prato já pode ser servido a qualquer hora e a qualquer freguês.

Da regressão da memória ja estou cuidando alhures; a matéria é vasta e as provas da reencarnação desafiam a argucia e os saltos estratégicos dos mais afamados adversários. Tratarei de mais vagar do desdobramento da personalidade.

Veremos, então, como foi imprudente e prematura a declaração categórica do ilustrado biologista, a de que se trata de fenômenos que nada têm com a reencarnação, e, sobretudo, a de que não possuem nenhuma relação com os fenômenos espíritas.

Se, aliás, aproveito a tirada, não é tanto por provar o desacêrto do mestre, senão por tratar de um assunto que poucos ainda conhecem e sôbre o qual, entretanto, discorrem, fazendo as mais categóricas afirmativas como, se de fato, estivessem diante «*daquelas verdades demonstradas pela Ciência*», de que fala o Dr. Otilio Machado.

Ora, não só não se faz demonstração nenhuma, como existe, por vezes, uma verdadeira salgalhada, onde se misturam fenômenos aparentemente idênticos, mas absolutamente diversos em suas causas.

Fursac, por exemplo, encaixa nos casos de desdobramento os de autoscopia, bem como os de paranoia e os de incorporação de espíritos, que êle não sabia o que era. (1)

Por seu turno, Marchand conside-

(1) Roques de Fursac — *Manuel de Psychiatrie*, 1917.

ra tais fenômenos como perturbações da personalidade e os engloba: um doente diz ao mesmo tempo que é êle e o demônio, que se chama X e é imperador da China... Outros declaram que têm dois corpos, dois pensamentos; outras vezes as personalidades se alteram; um alucinado terá consciência de sua personalidade em momentos de calma e se dirá rei nos de agitação... (2)

E tudo vai correndo por conta das personalidades alternantes e entrando na «desintegração» como um fenômeno único.

O Dr. Austregésilo também enfeixa a matéria e a resolve numa desarticulação entre consciente subconsciente. Nessa desarticulação vão de roldão todos os fenômenos psíquicos subjetivos. (3)

Ribot refere-se a uma delirante que se dizia Maria Stuart e a uma doente da Salpetrière que se recusava a ouvir falar de sua vida presente e só se lembrava da vida anterior. (4)

Muitos pensam elucidar o caso rotulando-o. Outros mais esclarecidos já percebem a dificuldade da caminhada e a ilusão dos rótulos. Binet nos diz: — «*Expression commode qui n'explique rien, mais ne compromet personne*». (5)

O Dr. Vallejo Nagera, professor de Psiquiatria da Universidade de Madrid, estudando certa espécie das alterações da personalidade, acha que «*elas emergem sem motivo e resultam incompreensíveis*». (6)

Desconhecedores da vasta gama da fenomenologia supranormal, costumam aquêles que tratam do assunto, afastar sistematicamente de seus estudos qualquer hipótese que os contrarie ou que se oponha aos princípios firmados; daí a confusão reinante, a que não pôde fugir o professor de Biologia. E' necessário distinguir, naquilo a que se dá o nome genérico de desintegração, os casos de incorporação de Espíritos, desde a simples manifestação medianímica às obsessões e possessões; a intromissão de entidades espirituais, extrinsecas, alheias ao psiquismo do paciente, ou seja a intervenção patente de Espíritos juntamente com a emersão das camadas profundas do sêr; os casos de regressão da memória, desde a simples emergência de lembranças até o afloramento de vetustos sedimentos da alma, lançados à superfície como as rochas magmáticas, em consequência de uma erupção; os casos de perturbação mental, onde o facto do indivíduo julgar-se rei da China, imperador do Japão, papagaio do Brasil ou chimpanzé da Africa, nada tem que ver com o que jaz nos recessos da alma.

Não me demorarei nesses casos, ja por sobejamente conhecidos, como porque não tropeçam neles os psiquiatras mais ou menos perspicazes.

A regressão já não é novidade. Ha até um nome especial para a regressão da mentalidade aos estados primitivos da vida, isto é, a volta à infancia no ponto de vista psìquico, que é o de *puerilismo mental paroxístico*. Veja-se Garnier e Dupré.

Frederico Myers refere-se ao caso de Louis Vivé, estudado por Camuset e varios outros doutores. (7)

Vivé reproduzia numerosas e variadas fases de sua personalidade, quer espontaneamente, quer em consequência de experiências, com o auxilio da metaloterapia, executada por seus médicos assistentes. Tais experiências produziam reversões aos diferentes periodos de sua vida. E não só voltavam à memória do paciente os estados passados e esquecidos, como também as impressões físicas dessas variações. E' de notar que nas primeiras experiências os médicos nada conheciam da vida do «enfêrmo», ou de toda a sua história, a qual foram desvendando aos poucos, e destarte con-

---

(2) L. Marchand — *Manuel de Médicine Mentale*, 1908.

(3) Murillo e Ribeiro — O *Esp. no Brasil*, e outros trabalhos do Autor

(4) Ribot. — *Les Maladies de la personalité*. Paris. F. Alcan.

(5) Alfred Binet. — *Les Altérations de la personalité*, 1902, p. 102.

(6) Vallejo Nagera. — *Tratado de Psiquiatria*, 1944.

(7) Frederico Myers, *Human Personality*, p. 60. — M. Camuset, *Annales médico-psychologiques*, 1882, p. 15. — M. Voisin, *Archives de neurologie*, set. 1885. — M. Berjon, *La grande hysterie chez l'homme*, Paris, 1886. — Bourru et Barot, *De la sugestion mentale*, Paris, 1887.

cluiram que as diferentes fases que êle apresentava eram tomadas à sua própria vida.

Foi de Rochas o primeiro experimentador que ousou levar mais longe a experiência e conseguiu que o paciente regredisse a uma vida no espaço e a uma época ou a épocas remotas da existência espiritual, trazendo, assim, a prova experimental das vidas sucessivas.

Êsse encadeamento lógico passa despercebido a alguns e é negado por outros. Se um indivíduo, em transe, revela factos da sua existência presente, *isto «todo o mundo tem registrado»*. Mas, se pelo mesmo processo, com o mesmo fenômeno, com o mesmo indivíduo, num transe mais profundo, o que se revela cai no ciclo de outras existências, aí ninguém os conhece, e passam a ser riscadas dos *Anais da Psicologia* os trabalhos dos Rochas, dos Tartarugas, dos Lacostes, dos Bertrand, dos Maratas, dos Bouviers, de tantos quantos seguiram as pegadas do notável engenheiro e psiquista, o pioneiro desses descobrimentos. Tal a lógica adversa.

Na segunda parte do fenômeno, para os contraditores, as conclusões já não dependem das provas ou da evidência, senão de opiniões particulares. Não importa o que o fenômeno diz, quem diz é o interessado em determinados pontos doutrinários. E assim, o que o *sujet* declara, expõe ou mostra «é proveniente, ou das idéias do experimentador, ou das próprias idéias, ou de épocas primitivas, transmitidas hereditariamente». As hipóteses surgem às apalpadelas.

Donde de tudo se infere que, apresentando o fenômeno tal como êle é, da maneira por que o descrevem, concluindo de acôrdo com os factos e com a lógica que eles impõem, estarei a dizer e fazer o que não sinto, numa demagogia de literato. Os que se firmam, porém, em duas hipóteses flagrantemente falsas e numa premissa de impossível verificação, esses é que dizem o que sentem; e no que toca às *verdades demonstradas* não se poderia achar maior e melhor palinuro que o impugnador.

CARLOS IMBASSAHY.

Prodígios do Pensamento

QUE vem a ser um pensamento? Como definir aquilo que podemos perscrutar com os olhos da alma, enxergando mentalmente à distância, revolvendo séculos atrás, descortinando milênios à frente e meditando sôbre êsses vôos pelo infinito e pelo tempo?

Perplexos ficaríamos se procurassemos meditar sôbre a grande realidade, única razão de ser do Todo Absoluto, ei-la: «O Universo é produto de um pensamento de Deus.»

Nosso cérebro ainda não está amadurecido. Martiriza-nos essa concepção que não podemos penetrar; acovardamo-nos para detalhar.

Que excelsa e sublime energia tem o pensamento transportando-nos pela prece às puras esferas da luz, colocando-nos à presença do Mestre Amado?

Que satânico poder destruidor tem o pensamento ao fulminar, mortalmente, com um simples olhar, a delicada flôr do jardim ou combalir a criancinha no seu berço de rodas?

Por que estranho veículo envia o indú em transe suas fôrças fazendo crescer em minutos, uma pequena semente, transformando-a em arbusto?

Que perseverantes pensamentos fazem o faquir suportar por semanas o leito de pregos?

Que dôce enlêvo cerca o sereno místico que se abandona em contemplativo êxtase ou aquele que se transporta pelo pensamento à terra longinqua tal Santo Antônio de Padua?

Quantos pensamentos de ódio, negros e ferinos não são projetados como lanças violentas pelo triste recluso do fétido cubículo?

As mais horrendas lutas se travam em campo invisível para nós, ao se entrechocarem, como lanças afiadas e sangrentas, os próprios pensamentos de vingança ou rancor de pessoas que se repelem.

Um pensamento de cólera, desforra

ou ódio produz efeito maligno pior que uma frase proferida em voz alta para ofender.

Pensariam também o verme repugnante, o delicado musgo que pisamos e a pedra que nos sustenta o lar? Sim, pensarão um dia, por que não? Nada há que não agasalhe a centelha divina. São nossas queridas almas irmãs em ansiada ascensão; «serão deuses também!»

Definem o pensamento como sendo um atributo do espírito; dizem outros — uma operação da inteligência através do cérebro. Para nós, pensamento é vibração. E' a base das relações espirituais dos sêres entre si. E' a linguagem universal dos espíritos que se comunicam por silenciosas vibrações estabelecendo contacto instantâneo em qualquer momento e com qualquer sêr. Para tal lança suas linhas de ligação com a imprevisivel rapidez da própria emissão do pensamento no fluído cósmico universal, veículo apropriado à sua transmissão.

Poderiamos compará-lo a uma potentissima estação de rádio. O pensamento desconhece obstáculos e distâncias.

A mente é energia estática; o pensamento é energia dinâmica, isto é, de movimento, de atividade, de fôrça criadora, de difusão e expansão.

Um pensamento bem dirigido, firme, amoroso e sincero fará levantar, não tenhamos dúvida, qualquer enfêrmo. Por idêntica razão, a prece de súplica da mãezinha confiante, criará impenetrável couraça envolvendo seu filho querido que combate na guerra.

Um pensamento gerado ou que nos tenha sido inspirado, mesmo na mais remota encarnação, continua indelevelmente gravado nas páginas do nosso «livro da vida». Sabemos ser o perispírito êste implacável registrador do que pensamos, seja há dois ou três mil anos atrás. Nada, absolutamente nada passará desapercebido.

Não nos cause isso espécie; basta lembrar que em esferas próximas à Terra, existem aparelhos tão sensíveis que registrariam até o inouvido suspiro de contentamento que exala a rosa ao desabrochar para cumprimentar o Criador.

O pensamento é fôrça criadora e, como é natural, cada pensamento tem a sua côr adequada. Tem êle o poder de modificar a matéria, ampliando e criando justamente com os recursos e as substâncias que encontra no chamado «espaço vasio».

Os espíritos de luz pensando criam o que julgam necessário. Um seu pensamento é ato realizado. Eles lêem nossos pensamentos e não só isso, eles os lêem mesmo antes de serem «pensados» por nós.

Nós, os encarnados, se firme pensarmos nalguma coisa, esta coisa focalizada vai tomando corpo, isto é, cria-se, toma contornos, configura-se, materializa-se enfim, com matéria fluída pairando sôbre nós por tempo variável.

Nítidas fotografias de pensamentos já foram conseguidas. Inúmeros clarividentes vêem os objetos criados pelo pensamento e sua respectiva coloração.

Quantas vezes nas igrejas, enquanto são balbuciadas as santas preces, viram os clarividentes, sôbre cabeças respeitáveis, configurações exátas do que pensavam os fiéis postados em contrita atitude! Julgam vocês, naturalmente, que foram vistas formas ou figuras lembrando uma vela acêsa, um rosário em mãos aflitas, algum santo ou mesmo algum anjinho de asas? Não; viam-se maços de notas de cruzeiros; cavalos a correr num hipódromo; salão com casais rodopiando; iguarias domingueiras e até a disputa de uma partida de futebol.

Coloridos e contornos apresentavam-se com extraordinária nitidez.

Mui raro poderá ser observado, aquí ou acolá, um jacto luminoso de luz partindo da região do cérebro a se elevar, conduzindo no seu facho azulado o maravilhoso efeito de um Pai Nosso partido das profundezas sentimentais de algum humilde crente.

O pensamento ao se tornar visivel pela substância fluídica que o compõe, toma sempre a conformação adequada, interpretando exatamente o objetivo pensado.

Exemplifiquemos com Leadbeate: Formulando-se desejos de paz e auxílio a um enfêrmo, forma-se graciosa figura alada, côr de rosa e amarelo viajando espaço afóra a procura do doente. O amor egoísta, a cobiça do alcool pelo viciado e o seu desejo sexual de baixa categoria aparecem como terríveis ganchos de côr lamacenta: Amor puro e intenso pela humanidade é um sol brilhante. Renúncia e devoção apresentam-se como um botão de flôr em azul. A prece eleva-se tal

qual cône azul e branco. Ódio e cólera aparecem como um estilete de fogo bem fino e comprido penetrando as carnes do desafeto.

Todos os personagens criados pelos novelistas ou romancistas, têm realmente vida própria no espaço. São figuras que os autores vivificam enquanto lembradas pelo correr da pena. Dissipam-se após, só se restabelecendo novamente ao serem fantasiadas pelos seus leitores prediletos.

Informa-nos certo pesquisador que o egoísmo, a avareza e a inveja atuam sôbre o figado e o baço; que os pensamentos de ódio e cólera afetam os rins e que o ciume prejudica o coração.

Que criações fluídicas exibirão os que julgam sofrer de cancer, de tuberculose ou de lepra? Estas tristes e mortificantes idéias materializando-se não poderão se transferir para habitarem o corpo que tais pensamentos emite? Atraímos o que gostamos pensar.

Em qualquer campo de atividade humana realizam-se incessantemente fenômenos semelhantes. Efetua-se a conversão do pensamento em matéria; corporificam-se as formas imaginadas. Tudo é pura verdade devendo ser afastada qualquer idéia de ficção.

Se fossemos consultar o Anjo da Saúde, por estarmos doentes, certamente que veriamos recomendado no receituário: «Uso constante de pensamentos puros e elevados, alternados com meditações em Jesus».

Major Levino Cornelio Wischral.

Livros e Autores

(Muitos volumes e nenhum tempo e nenhuma oportunidade para os lêr).

Lêr sempre foi nosso esporte predileto.

E, sempre que liamos obras cuja leitura nos impressionava fortemente, — principalmente quando seus autores nos ofertavam — corriamos a dar nossas impressões escritas. Claro que sem a intenção de glorificar ninguém, de *arrazar* a obra alheia que, para tanto, sempre «nos faltou engenho e arte».

Vem de longe êsse vêso nosso.

Vem de Salvador, alí por 1918, quando então rabiscavamos no *Diário da Bahia*.

Foi nessa época que conseguimos duas grandes amisades, que teriam de atravessar o tempo: a do Amaral Ornelas e a de Carlos Imbassahy.

Do primeiro, enaltecemos sua obra poética, de cujo poeta, até hoje, não vimos igual, no Espiritismo, com ressalva de Sebastião Lasneau!

Do segundo, apreciamos seu romance de estréia, *Leviana*.

E já nos conhecemos brigando. E brigando, mas sempre amigos, temos atravessado esses anos todos.

E — coisa interessante! — numa de suas cartas de 1918, em que já defendiamos o Espiritismo, escrevia-nos Carlos Imbassahy: «Não sou espírita e Deus me livre de Espiritismo!» Mal sabia êle que já era, naturalmente, o vaso escolhido para ser «o maior escritor e polemista espírita do Brasil».

* * *

Agora, velho e enfêrmo, — e a velhice também é doença, que *senectus est morbus;* agora, falta-nos disposição e vagar para lêr tudo que nos apetece, que nos enviam.

Além disso, as fôrças minemonicas já nos estão faltando e vemos, com tristeza, como nos minguam, dia para dia, todas as fôrças.

Eis por que, mau grado nosso, vemos sôbre a mesa da cabeceira tantos livros ainda por lêr.

Aquí reunimos os títulos dos volumes, o nome de seus autores, e dos ilustres confrades que nô-los ofertaram, aguardando, naturalmente, nossa pronunciação:

Ismael, obra mediúnica, de Francisco Luciano, oferta de Raul Pedrão, da Bahia.

Passes e *Radiações*, opúsculo, e *A Vida de Jesus*, tomo II, ambos de Edgard Armond, de S. Paulo.

Lágrimas e Sorrisos, miscelânia literária, de S. L. Guedes de Souza, oferta do autor.

Pruebas Concluyentes de la Existencia del Alma, de Cosme Mariño, edi-

ção de *Constancia*, oferta de seu diretor, de Buenos Aires.

Meu Fanal, versos, de Ramiro Gama, oferta do autor.

No Meu Santuario, estudos, de Albertina Angelo Silveira, oferta da autora.

Angelus, versos de Sebastião de Abreu, oferta de Rosalia Sandoval, a poetisa irmã do autor.

Cristo, o Maior dos Anarquistas, estudo filosófico, de Anibal Vaz de Melo, oferta do autor.

Almas Errantes, romance mediúnico recebido pelo autor, Isidoro Duarte Santos, que nô-lo ofertou.

Problemas dêste Mundo e *Realidades do Outro*, de M. da Nobrega, resposta ao Sr. Silva Melo, oferta do autor, de Recife.

Silva Melo e os Seus Mistérios, prefaciado por Pedro Granja, obra do dr. Sergio Vale, oferta do autor.

Fantasmas, Fantasias e Fantoches, de Carlos Imbassahy e Pedro Granja, resposta ao livro do dr. Silva Melo, oferta de Carlos Imbassahy.

O Evangelho dos Humildes, interpretação do Evangelho, de Eliseu Rigonatti, oferta do autor.

Ritmos da Nova Fé e *Renascença da Alma*, ambos de Nogueira de Faria, oferta do autor.

Rumos Novos, (poesias, miscelânia) de Luiz Ferreira Karl, oferta do autor.

As Profecias de Daniel e *o Apocalipse*, de sir Isaac Newton, tradução de Julio Abreu Filho.

Cartas de uma Morta, ditado da mãe do grande médium, F. Candido Xavier, oferta do editor, Batista Lino, da L. A. K. E.

Pietro Ubaldi, sua vida e sua obra, de Clovis Tavares, edição L. A. K. E., oferta do editor, Batista Lino.

O Espiritismo à Luz dos Fatos, de Carlos Imbassahy, oferta do autor. Já conheciamos o livro. Aliás, o grande livro. Uma nota, à pag. 250, deu-nos a entender que se trata de uma 2.ª edição. Página em que o autor responde ao *Espiritismo à Luz da Razão*, dos padres Lecroix e Bueno de Siqueira. Entretanto, nada, na capa, que revele nova edição. Será para que o Imbassahy não se empavone com um livro em 2.ª edição? Sabemos lá! Mas, sabemos que a brochura está mal apresentada. Dir-se-ia uma edição da Quaresma, livro para vender-se em porta de charutaria. E veio-nos à mente o asserto oportuno do confrade do Maranhão, sôbre livros espíritas impressos no Brasil...

Cingo. E' um poema mimeografado da poetisa Rosalia Sandoval, que se dignou de oferecer-nos. Coisa que se lê de um fôlego. E a poetisa é um nome por todos os títulos respeitado nos meios espíritas.

Dircurso em homenagem às vitimas da Intentona de 1935, de R. Pedro Michelena. O autor, aliás um grande amigo e confrade entusiasta, de Porto Alegre, profere seu discurso em frente de altas autoridades, inclusive o arcebispo, d. Vicente Scheiroso, que não gostou da peça. Pudera! Nem era para gostar, pois o Coronel, seu autor, vale-se tambem de sua autoridade militar para pregar a reincarnação perante o Arcebispo e em face de altas autoridades! Dos nossos, pelo arrôjo, o Michelena. Salve!...

Lira Azul, de Elmira Lima... o Espírito, oferta da «Mocidade Espírita de Belém, Pará.» Versos e, no término, *O Livro d'Alma*, novela espírita. Livro de bela apresentação gráfica, apresentado em bom papel, em boa impressão.

Graças sôbre Graças. E' o nosso pupilo, com prefácio de Carlos Imbassahy. E vale uma grande compensação para este confrade ilustre, que o livro está, realmente, primorosamente impresso. Escreve-nos até seu editor: «...se toda *mãe coruja* sempre elogia e enaltece as qualidades morais e materiais do filho, claro que eu não vou ficar à margem desse conceito. Daí, então, achar o livro perfeito em tudo, sôbre tudo a capa com aquele fundo azul, que veio realçar o vermelho do título!»

E está mesmo, valha a verdade, primoroso!

E' um livro de saudade e de justiça, tanto nosso, como do medium, F. Candido Xavier, como dos moços de Belo Horizonte, como dos espíritos comunicantes.

E destribuido, ademais, a benefício das obras do *Lar de Jesus*, para onde se deve enviar pedidos.

Como se vê, esta é uma nota que vale mais um anuncio.

Por isso vem no fim.

Leopoldo Machado.

Dr. Lins de Vasconcelos

Alfredo d'Alcântara

OS selvícolas do ramo tupí-guaraní, senhores da nossa terra ao tempo do descobrimento, usavam o vocábulo «texagaú», cuja significação só foi compreendida quando eles, já familiarizados com o linguajar da nossa gente, puderam explicar que essa palavra tão simples tinha o valor de uma sentença, pois queria dizer: «eu te vejo de mentira». E logo os lexicólogos traduziram-na para a língua portuguêsa por esta outra, tão decantada pelos poetas, SAUDADE.

Não há dúvida de que a imagem da pessoa a quem nos prende afeto ou gratidão, quando se ausenta, temporária ou definitivamente, levada por demorada viagem ou mergulhada na Morte, que é uma terrível incognita para muitos e esperança redentora para os espíritas, se fixa em nossa mente como se fôra microscópico clichê, que se amplia sempre que nos lembramos dela, e vêmo-la, animada da mesma vibração de vida com que, pela derradeira vez, esteve diante dos nossos olhos. Isto é, de fato, vê-la de mentira, e essa ilusão, em vez de trazer confôrto ao coração, aumenta a mágua que o oprime e faz-nos experimentar um travo amargo, misto de dôr e ternura, a que chamamos saudade.

Esta divagação veio a propósito da desencarnação do Dr. Lins de Vasconcelos, ocorrida há dias, inesperadamente, em São Paulo. Habituei-me a vê-lo, desde muitos anos, no seu dinamismo proveitoso e, agora que se foi, tenho-o na mente, num «texagaú» constante, porque o estimava e era-lhe grato por haver editado, na «Gráfica Mundo Espírita», o meu livro «Umbanda em Julgamento», quando todo mundo se negára a fazê-lo. Esta crônica eu dedico à êsse paladino da fraternidade. E' muito pálida porque sou um escritor sem brilho, pouco vibrante por ser eu espírita sem projeção nos meios doutrinários, mas imprimo-lhe tanta fôrça da minha sinceridade que ela, aos olhos de Deus, hade ascender ao valor de uma prece.

O Dr. Lins de Vasconcelos foi uma figura destacada no Espiritismo, que lhe deve um sem número de realizações. Idealista, lutou, com o ardor dos antigos pugilistas pelo seu ideal, que era a fraternização dos espíritas, e algo parece haver conseguido através do chamado *pacto áureo*, que é obra sua. Só não atingiu a perfeição que êle sonhava por fôrça da resistência oposta pela ignorância, vaidade e orgulho de grande número dos homens que giram na orbita da novel instituição. A pedra fundamental da grande obra aí está; foi lançada pelo Dr. Lins de Vasconcelos. O tempo se encarregará de reajustar outros trabalhadores para continuarem a edificação iniciada, afim de que a Fraternidade, condição «sinequá-non» da obra de Jesus Cristo, se torne, material e moralmente, uma realidade luminosa.

Muitos anos antes desta vitória o Dr. Lins de Vasconcelos imaginou uma organização que teria o mesmo fim do pacto aureo, e deu-lhe o nome de «Élo Espírita» Fracassou, mau grado o denodo com que lutou para fazê-lo vencer, porque faltou-lhe ambiente propício a um movimento fraternal dessa natureza. Tudo tem a sua época pre-estabelecida.

O Dr. Lins de Vasconcelos deixou traços da sua passagem em todos os setôres da seára espírita. No norte do país, em São Paulo, no Paraná, em todo o Distrito Federal, êle se multiplicava no afan de socorrer necessidades de Centros, asílos, creches e organizações sociais de toda ordem. A sua pena brilhou na imprensa doutrinária e sua palavra eloquente fulgurou nas tribunas de maior responsabilidade do Espiritismo. O seu padrão de glória, porém, é a sementeira de exemplos de cordura, altruismo, abnegação, tolerância e fraternismo, que soube lançar por toda parte, possibilitando-lhe a trajetória terrena sem o desgosto de um único inimigo pessoal. Essa riqueza, a maior que êle possuia, deixou-a, por herança, aos companheiros de ideais espíritas. Cumpre-nos honrá-la.

Rio de Janeiro, Março de 1952.

Os "Poltergeister"

«Poltergeist» é hoje um têrmo de uso universal. De origem germânica, significa, «espírito causador de barulho». Quando mais de um espírito, então é «Poltergeister».

Poltergeister sempre houve e continua havendo em qualquer parte do nosso planetazinho Terra. Eles não só «assombram» muitos castelos, burgos, conventos de frades e de freiras, como também casas e residências isoladas ou mesmo situadas dentro das cidades.

São espíritos de pessoas falecidas que se sentem atraídos ainda aos sítios onde habitaram, cujos motivos, geralmente são de natureza múltipla, principalmente em se tratando de crimes, cometidos em segredo, tal como os houve em velhos castelos e conventos; e estes crimes os prendem, por assim dizer, naqueles lugares. Existem também espíritos (poltergeister) que são espíritos brincalhões, produzindo fenômenos, quando o ambiente é propício, afim de impressionar os «espíritos incarnados», com o intuito de se divertirem à sua custa. A propósito desta última categoria de espíritos «Poltergeister» vamos relatar um acontecimento tragi-cómico.

Percorrendo as grandes revistas e jornais quotidianos, oriundos da Alemanha de post-guerra, nossa atenção foi atraída para o número de casas «mal assombradas» pelos Poltergeister, e impressionando-nos o abundande material fotográfico que as revistas germânicas dedicaram ao assunto. Tudo isto vem provando a sobrevivência da alma humana.

Vamos relatar um destes casos, aliás bem interessante, por se achar envolvido nêle um alto dignatário da igreja romana.

«Os Poltergeister têm trazido tremendos sobresaltos e transtornos aos inquilinos de um prédio numa cidade no sul da Alemanha.

Foi, finalmente, chamada a polícia (secreta). Os dois investigadores presenciaram, quasi no momento de se retirarem, um barulho violento, primeiro, e, em seguida, voaram a esmo muitos objetos no ar, aparentemente sustentados por mãos invisíveis... razão por que os dois policiais, aos poucos, ficaram nervosos, pois nada podiam fazer, nem prender o autor invisível! Avisaram então, por telefone a Central da Polícia. Esta achou melhor enviar logo um psiquiatra, médico experimentado em assuntos criminais. Os dois secretas receberam o médico na porta da rua. Junto vieram também reporteres fotográficos de dois grandes jornais. O médico animou os secretas, pois, notou-lhes aquela palidez indisfárçavel. Subiram todos. Mal entraram numa sala, ouviram-se vários estalos, fortissimos, no assoalho e no forro que pareciam tiros de carabina. Os reporteres imediatamente ligaram os seus aparelhos portateis de gravação de som. Mais alguns estalos e as duas portas da sala se abrem como movidas por mãos invisíveis. Nêsse momento, viram os presentes, como os objetos do quarto começaram a se deslocar, subindo no ar; outros objetos vieram voando pelas portas, agora abertas. Enfim, começou um pandemônio doido de objetos, entrecruzando-se no ar, finalmente passando bem rente das cabeças dos presentes, de forma ameaçadora, sem que houvesse pessoa alguma capaz de produzir tudo aquilo.

O primeiro a retirar-se dêste ambiente foi o médico... muito nervoso (medo!) Parece que o nervosismo do médico contagiou os demais componentes!... No fim degenerou tudo numa vêrdadeira e geral fuga.

Os inquilinos do prédio imploraram então a presença do pároco do bairro. Êste veio solicitamente com o sacristão, afim de se proceder ao benzimento. Mal tinha iniciado o padre as fórmulas de exorcismo em latim e alemão, quando, de repente, ressoaram tremendos estalos no quarto e em seguida o deslocamento de objetos que dançaram no ar; até linguiças vindas do defumador, apareceram no ambiente... Isto foi o bastante para que o zeloso padre encerrasse o expediente mais depressa do que de costume. Sem se despedir de ninguém tratou de alcançar a rua; por um pouco não tombou pela escadaria abai-

xo; seguiu de passos «acelerados», levando o fato logo ao conhecimento da chancelaria do arcebispado.

Sua Eminência não deu muita fé áquela historia e deliberou chamar os inquilinos do predio em fóco.

Depois de tudo relatado pelos inquilinos, Sua Eminência refletiu por alguns momentos e recomendou a celebração de uma série de missas solenes em favor daquelas «almas penantes...», como ele se expressou.

De nada adiantaram as missas e aquela gente torturada tornou a queixar-se ao snr. arcebispo. Êle, o arcebispo, resolveu, então, ir ver pessoalmente o que por lá ia se passando.

No dia marcado, apeou cedinho o prelado da sua fina limousine, sem que a numerosa reportagem da cidade soubesse daquela augusta visita.

Precedido pelo chanceler do palacio episcopal, ambos subiram pela escadaria. Bem recebidos na casa, estranharam até, por encontrar tudo em calma e sem novidade. Palestrando, atravessaram os quartos, inspecionando tudo. Calma absoluta no prédio! Estavam já se aprestando a se retirar, quando surgiram as duas filhas da casa, vindas da cidade, uma com 11 e a outra com 14 anos. Cumprimentaram o nobre visitante e, neste momento ouviu-se um estrondo, seguido por outro, no soalho e no fôrro, e o pandemônio dos objetos esvoaçando dentro daquela casa começou, roçando alguns deles (pratos de louça), de leve a cabeça e o hombro do snr. arcebispo.., que tratou de retirar-se imediatamente. Apenas poude dizer aos inquilinos: venham amanhã conversar comigo... e desapareceu rápidamente pelas escadas abaixo...

Assim fizeram; compareceram no palacio episcopal. Levados à presença de Sua Eminência, êste falou ao casal em voz baixinha: «Já sei de que se trata. Vocês vão procurar, hoje mesmo, um bom centro espírita..., sem muito alarde. É um caso que só assim pode ser resolvido. O que exijo, é muita reserva. E é só para o momento.»

Despediram-se e, ao passar pela secretaria, gentilmente o chanceler entregou uma papeleta ao casal com a observação: — «Este endereço pode, talvez ser-lhes de utilidade para não bater muito em portas erradas».

Realmente, o casal procurou e encontrou tudo certo. Uma matrona, senhora muito bondosa os esclareceu, depois de ouvir o corolário de sofrimentos por que tinham passado. — No dia e hora marcados chegou uma pequena caravana de 6 ou 7 pessoas para os trabalhos de sessão, que com toda calma se processaram. As entidades (espíritos) que se apresentaram, com brandura e bondade foram esclarecidas que deviam abandonar o caminho, até então trilhado, entrando, em seguida, por outra estrada: a do progresso e da evolução. Concordaram e prometeram abandonar a casa. — Tratava-se de uma legião de espíritos brincalhões (poltergeister) que agiam com os fluídos hauridos das duas meninas, sem que elas disso tivessem conhecimento.

Assim se divertiram os Poltergeister com a polícia e o médico psiquíatra, com o padre exorcista... e finalmente também com o Arcebispo da cidade «X» na Alemanha.

— É o caso de dizer-se: Louvado seja o snr Arcepispo que orientou bem e certo o casal atormentado. Mas, já que o príncipe da igreja romana sabia tão bem qual era o verdadeiro remédio que devia ser empregado em semelhante caso, por que razões recomendou êle, de início, celebração de missas solenes?? pois, essas missas com aparato não são baratas!... e o resultado foi nulo. Valeram, finalmente, as preces dos espíritas, porque se revestiram com aquela fé de remover montanhas de tormentas e de perturbações. Fracassaram: a polícia, o cientista (médico), o padre e o arcebispo. E os espíritas não se ufanam por produzirem um «milagre», convencendo os Poltergeister que se retirassem em paz.

Max Kohleisen.

Piracicaba, março de 1952.

Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo que não é obra dos homens e a vossa razão vos responderá: achareis Deus.

"Em uma só Palavra: AMOR"

A incompreensão que se nota na sociedade humana, e causa daqueles antagonismos ideológicos, políticos que a dividem, emerge de uma única fonte: a IGNORÂNCIA.

Esta ignorância não se refere nem significa desconhecimento do progresso intelectual alcançado pela humanidade, do qual temos evidência em todos os progressos que a ciência e a tecnica tem facilitado e permitido.

O progresso material cobre todos os aspectos do existir e conseguiu concretizar as utopias de nossos avós, quer no encurtamento das distâncias, aproximando os povos; quer nas medidas de higiene e prevenção que produziu o melhor estado sanitário dos países, extirpando as causas de epidemias e flagelos que açoitaram os mesmos em diferentes épocas da história; seja reduzindo o índice de analfabetos, concitando os indivíduos a aproveitarem os dons da inteligência; seja na construção de grandes obras de bem coletivo: edifícios, canais, diques, portos, linhas férreas, rádio, transportes, etc. A técnica e o desenvolvimento das indústrias orgulham o habitante dêste século XX e ainda o estimula a emprêsas maiores, talvez quiméricas no presente, mas realizáveis no futuro. A ambição do habitante terrícola, vemô-la, por exemplo, traçando planos para que seus pés pisem o solo de outros mundos planetários; alcançar a lua e descobrir o que lá existe, é êste um de seus sonhos.

Isto e tudo o mais que deixamos de mencionar, parece desautorar-nos em nossa afirmativa de residir a raíz do padecimento da atual sociedade antagônica, infeliz, cheia de angústia e incerteza, ausente de paz e de pureza, na sua grande IGNORÂNCIA.

¿Como, sendo nos dado contemplar por toda parte o fruto de sua inteligência altamente desenvolvida? — ¿Ignorante? quando podemos apreciar em múltiplas realidades a aplicação de um saber imenso. Sim! Não vacilamos em repetí-lo. Em seu grande SABER, tomado êste como soma de todos os conhecimentos de que dispõe e possúe a população terrestre, observa-se uma grande ignorância, traduzida em seu mal-estar, em sua desconformidade contínua; na falta de conciliação do homem consigo mesmo e com seu próximo; nos conflitos sociais e morais que a comovem; e nas contendas bélicas que a dessangram impiedosamente.

Ignorância de que, se tanto é o que sabe e possúe? Exceto uma minoria espargida por todas as latitudes do globo, que luta denodadamente para fazer a Luz na maioria dos seus semelhantes, ignora o verdadeiro sentido da vida; ignora a realidade espiritual do sêr, sua imortalidade; ignora a causalidade moral e cósmica (Karma) que rege os acontecimentos humanos e universais; ignora a lei da reencarnação (palingenesia); ignora tudo quanto em rigor, afastaria de suas almas a angústia, a dôr, o desespêro e concretizaria por cima das realizações materiais da inteligência, à base de cimento e aço, o único positivo, o realmente útil, o permanente: a compreensão, a paz, a justiça, a fraternização dos povos; em uma palavra: o AMOR.

Estéreis se tornarão todas as construções jurídicas, sociais, politicas e doutrinárias que se estabelecerem sôbre o globo, enquanto a sociedade humana continuar ignorando suas realidadeses senciais; desconhecendo o sentido da existência e a verdade das vidas sucessivas; negando a lei de causas e efeitos e a imortalidade da alma. Continuará edificando, em consequência, sôbre o êrro, o transitório, o mutável, e outros não serão seus efeitos sinão o palpitar do nosso mundo moderno, antagônico, cheio de rivalidades e supremacias, de rancores e sentimentos negativos.

Daí a impreterível obrigação de trabalhar para fazer desaparecer esta enorme ignorância de que ainda sofrem os povos, esclarecendo-os nestes ensinos que há de restituir a suas almas, a paz, a fé e a compreensão; o compromisso de apoiar todos os esforços encaminhados a esta suprema aspiração, sem nos determos a considerar o rótulo que a augura.

Devemos estar seguros do propósito e nele unidos; se êste é bom e apressa a destruição da ignôrancia, fonte de dôr e separação, como também busca a restauração do amor, então unamo-nos a êle e façamos sua cristalização na mente e coração de todos os homens. E' preciso espiritualizar, esclarecer moralmente, nutrir com sentimentos de pureza, esta orgulhosa e vasta inteligência que possibilitou nossa atual civilização.

Conheça o homem sua estrutura psíco-física, sua natureza e destino espiritual; sua responsabilidade individual e coletiva nas contigências da existência; sua contribuição na elaboração do futuro planetário do qual será beneficiário.

Conheça em si mesmo um espírito encarnado, sujeito á lei da reencarnação, da evolução e kármica, e parte do imenso organismo da criação, cumprindo dentro dela uma função e um fim em si mesmo. Substitua esta IGNORÂNCIA que tolda sua visão e sua mente e extravia sua vereda, pela SABEDORIA, luz que alumiará o caminho, purificará sua vida e formará seu progresso.

O SABER Espírita edificado sôbre os ensinos do mundo invisível traz sua grande quota nesta luta para destruir a ignorância, origem de tanta dôr e incompreensão humanas, e reune suas fôrças e suas luzes para que a vinda de uma Nova Era, anunciada pelos grandes Mestres espirituais, se plasme, e o Terceiro Milênio que se avizinha inaugure um ciclo superior para os moradores da Terra. Nova Era cuja divisa está expressada, numa só palavra: AMOR.

E neste anseio pelo cumprimento de tais desígnios, nesta sinalação da causa principal de um mundo que não se reconcilia e vive em permanente atitude de ataque e defesa, expressamos nossa firmeza no triunfo do AMOR, que causará a derrota da IGNORÂNCIA, e o afloramento das mais esquisitas virtudes do espírito do homem, e sua passagem, pela Terra, em cada jornada, meritórias realizações. Numa só palavra, o AMOR imperando e transformando a inteligência em sabedoria, a serviço do Espírito.

NATALIO CECCARINI.

Los Ceibos, 97 — El Palomar

R. Argentina.

O Espiritismo e a Assistência Religiosa

I — Igualdade de cultos.

Discutiu-se na Assembléia Legislativa da Bahia (Câmara dos Deputados), faz pouco tempo, um projeto relativo à criação do cargo de *capelão* católico, na Polícia Militar do Estado, com o pôsto e os vencimentos de capitão. Não sabemos se o projeto foi aprovado na íntegra, o que, aliás, é muito provável, em virtude da inclinação da maioria da Assembléia, segundo lemos no *Diário da Assembléia Legislativa* da Bahia (anexo ao «Diário Oficial» do Estado) de 17 de Novembro do ano passado. O projeto em si não nos interessa, porque o Espiritismo, como se sabe, não tem organização religiosa. Não tendo, portanto, culto organizado, embora seja, como afirma Allan Kardec, «uma filosofia de consequências religiosas», o Espiritismo não tem elementos que lhe permitam instituir a função espiritual de *capelão* ou qualquer outra dignidade equivalente, nos moldes, por exemplo, da Igreja Católica. Todavia, por mais que nos esforcemos para desprezar o aspecto religioso do projeto, não podemos deixar de levar em consideração um ponto que, de qualquer forma, interessa ao Espiritismo: a igualdade religiosa perante a Constituição Federal.

O Espiritismo — convém repetir — não tem «organização religiosa», porque não prescreve culto material com ritual, sacerdote, hierarquia, etc. Entretanto o Espiritismo, assim como todas as religiões estabelecidas no Brasil, sempre que se faz necessário, invoca o princípio da liberdade de cultos, previsto na Constituição Federal, quando se sente ameaçado no exercício de suas práticas ou na livre exposição de seus ensinos doutrinários. Logo, ainda que seja apenas

para efeito de garantias constituicionais, o Espiritismo enquadra-se nos cultos religiosos, embora não tenha as características de um *culto* material. Se não tivessemos amparo na «liberdade de cultos», mantida até hoje na Constituição do país, as sociedades espíritas poderiam ser fechadas a qualquer momento, desde que uma autoridade entendesse de proibir as atividades espíritas no Brasil. Seja ou não seja religião, o Espiritismo desfruta da liberdade religiosa que a Constituição Federal assegura a todos os cultos. Foi precisamente êste aspecto que levou o Deputado Ebenezer Cavalcanti, relator do projeto, a sustentar o princípio da igualdade religiosa para impugnar a exclusividade conferida à Igreja Romana, quando se sabe que em todas as corporações militares do Brasil há católicos, espíritas, protestantes, agnósticos, etc. O brilhante deputado bahiano escreveu um parecer notável, verdadeira peça jurídico-doutrinária. Examinemos o assunto.

A Constituição Federal permite a assistência religiosa nos quarteis (Art. 141 § 3.º) mas não estabelece preferência para religião alguma. Pretendeu-se, porém, criar um *capelão* na Polícia bahiana, com base na Constituição Federal, mas o capelão seria exclusivamente da Igreja Católica, um padre, portanto, como se não houvesse protestantes, espíritas, etc., entre os oficiais e praças da Corporação... A Constituição da República é muito clara:

> *Sem constrangimento dos favorecidos, será prestada por brasileiro assistência religiosa ás forças armadas... (§ 9.º).*

Veja-se bem a expressão constitucional: a assistência religiosa será prestada *SEM CONSTRANGIMENTO*. Ninguém, portanto, será obrigado a receber assistência contra a sua vontade. Êste o verdadeiro espírito da Lei Magna, inspirado, aliás, no sábio princípio da liberdade de consciência. Com a sua penetrante e segura interpretação o deputado Ebenezer Cavalcanti pôs a questão nos seguintes termos:

a) — em princípio, não se justifica a existência de um *capelão* na Polícia Militar, porquanto a assistência espiritual ou religiosa deve ser prestada quando o indivíduo pede essa assistência, de acôrdo com a sua consciência;

b) — uma vez, porém, que se pretende criar o serviço de assistência religiosa na Corporação, que se respeite o princípio da igualdade de todas as religiões perante a Constituição Federal.

Se todas as religiões são IGUAIS perante a Lei básica do país, não se compreende a existência *apenas* de capelão católico na Polícia bahiana, quando é notório que as outras religiões têm adeptos em todos os graus da hierarquia militar. Por que, pois, sómente capelão católico? Eis aí, em linhas gerais, o ponto-de-vista do ilustre parlamentar bahiano. Ponto-de-vista lógico, seguro, à luz da mais clara e mais honesta hermenêutica constituicional. Resumamos: seria melhor não haver *capelão* de espécie alguma, porque toda e qualquer forma de assistência religiosa deve ser prestada mediante solicitação dos interessados; como, porém, a Assembléia Estadual resolveu incluir capelão no quadro de oficiais da Polícia, então que se estenda a mesma providência ás outras religiões. Diz muito bem o deputado Ebenezer Cavalcanti:

> *Em tese, somos contra a creação do posto de Capelão-Militar. Entretanto, entendemos que, se há-de ser creado, não se justifica a exclusão de outras igrejas ou confissões religiosas. O Estado não reconhece a nenhuma determinação religião como oficial. Todas as religiões são perfeitamente iguais perante o Estado Brasileiro, salvo aquelas que contrariem a ordem pública ou os bons costumes.*

O relator do projeto, em seu admirável parecer, defende, como se vê, o princípio da equidade: se existem capelães católicos na Corporação, é natural que haja capelães de outras religiões. Nada mais lógico, mais claro, mais equitativo, à luz da Constituição Federal. Vamos transcrever um dos trechos em que o corajoso deputado bahiano sustenta, de maneira irrespondivel, a sua luminosa tese:

> *«Entendemos que qualquer espécie de assistência religiosa deve ser*

procurada pelos indivíduos, espontâneamente, nas igrejas ou instituições religiosas ou filosóficas de sua preferência. Não cabe ao Estado prestar essa espécie de serviço, nem custeá-la. Nada mais pessoal e íntimo do que o sentimento religioso. Cremos que os homens que integram as nossas fôrças armadas têm bastante madureza para se orientarem, na matéria, de acôrdo com os ditames de sua própria consciência.

Uma vez, porém, que o Estatuto Magno do País faculta essa assistência, impõe-se a exáta inteligência do dispositivo, afim de evitar interpretações exclusivistas.

Assistência religiosa, *no texto constitucional, não significa necessária e* exclusivamente *assistência religiosa de tipo católico-romano.*

Não alude o texto à assistência religiosa como antidoto para quaisquer doutrinas ou ideologias filosóficas, econômicas ou políticas. Não cogita o texto da maior ou menor percentagem de adeptos desta ou daquela unidade do território nacional. Nem mesmo se refere a igreja ou igrejas, como também não alude a rabis, padres, pastores ou a quaisquer outros chefes ou guias religiosos. Declara simplesmente que assistência ressalva o intangível princípio da inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença quer religiosa, quer filosófica ou política (Art. 141, parags. 7.º e 8.º), ressalvando que essa assistência se prestará «sem constrangimento dos favorecidos». Ora, desde que haja constrangimento, não haverá favorecidos. Alguns dispensarão o «favor». Outros suportarão o constrangimento. Mas desde que «constrangimento» se manifeste, por qualquer forma, cessará a assistência religiosa para os que não na encomendaram, nem pediram. Não será isto uma forma indireta de constrangimento, uma vez que não tenha sido feito a prévia consulta aos que desejam ser «favorecidos» pela assistência religiosa desta ou daquela igreja ?»

Muito bem ! Não conhecemos as idéias religiosas, filosóficas ou políticas do deputado Ebenezer Cavalcanti. Estamos de acôrdo, mas de inteiro acôrdo, porém, com a sua tese, com a sua maneira de interpretar a igualdade religiosa em face da Constituição do Brasil. Subscrevemos integralmente a seguinte afirmativa : *Nada mais pessoal e íntimo do que o sentimento religioso* Ainda a respeito da igualdade dos cultos religiosos, o legislador bahiano, com o intuito, é claro, de reforçar a tese da equidade, citou, também, os espíritas, uma vez que existem adeptos do Espiritismo nas fileiras da tradicional milícia bahiana. Fê-lo em termos claros e coerentes, dentro da doutrina constitucional em que se apoiou :

> *«E não se argumente com números, argumento estranho ao dispositivo constitucional e de consistência bem vulnerável. O atual efetivo da P. M. é de 3.089 homens. Cogíta-se de aumentá-lo para 3.968, do ano de 1952. Assim, haverá uma diferença de 896, para mais. Do atual efetivo, quantos não são católicos romanos ? Quantos que o sendo, não desejam ser «favorecido» com a assistência religiosa ? Quantos são* espiritistas ? *Quantos protestantes ? Quantos não adotam religião alguma ? E quem póde assegurar que os* novos *militares, em número de 896, previstos para o próximo ano, serão todos católicos, ou que o serão na sua maioria ?»*

Vimos, até aqui, apenas os aspecto constituicional do projeto. Vamos entrar, agora, no aspecto religioso, não mais em face da Constituição, mas em relação à posição do Espiritismo. Pode o Espiritismo ter capelão ? Já se sabe que a própria índole da doutrina é infensa a qualquer forma de hierarquia sacerdotal. Entretanto, como acabamos de vêr, o deputado Ebenezer Cavalcanti colocou a questão em termos tais, que não podemos deixar de fazer alguns comentários a respeito. A tese que o ilustre parlamentar bahiano defendeu sugere muita reflexão a respeito dêste problema. E' claro, é notório que o Espiritismo não comporta sacerdote nem capelão. Então, como deveria ser prestada a assistência espiritual aos adeptos do Espiritismo nas Fôrças Armadas, caso essa assistência fôsse solicitada ? Esta parte fica para o próximo número.

(Continùa)

DEOLINDO AMORIM

Manifestação Ectoplásmica de Napoleão sôbre um Cavalo Branco

Admirável sessão na França

A nove de Dezembro apareceu no grande jornal de Turim «La Stampa», um sensacional artigo de coluna e meia, que repercutiu na França, pois La Liberté de Paris, reproduziu a figura psíquica e relatou os factos à mesma ligados.

O reporter da «Stampa» entrevistou o Snr. Luigi Bellotti, arquiteto, escultor, pintor e médium, residente em Veneza. O Snr. Bellotti é reputado um dos melhores médiuns da Europa. Êle é membro honorário da Sociedade Psíquica de Paris. Celebres artistas, espíritos, como Maggioli, Ciardi e Segantini pintaram figuras através da mediunidade em transe do Snr. Bellotti. Muitos outros espíritos de fama mundial escreveram pela sua mão.

O jornalista perguntou si era certa a notícia da comunicação de Napoleão por meio dêle.

Bellotti respondeu :

«A mensagem em questão é parte de um conjunto de manuscritos de importância indubitável. O senhor quer que lhe fale sôbre um acontecimento dos mais interessantes da nossa vida. Êle teve começo nesta casa (residência de Bellotti em Veneza) e teve o seu desfecho em Nice. Ouça !

Certa noite senti subitamente não estar só. O Imperador estava presente e desejava comunicar-se. Minha mão foi compelida a interromper o trabalho de cálculos e diagramas apenas começados e escreveu algumas sentenças com grande rapidez, grafadas segundo a característica de Napoleão. O espírito predisse sua aparição em Nice, alguns dias depois, e seria visto sôbre um cavalo branco. Êle precisou o dia e hora da sua manifestação.

O senhor póde imaginar minha surprêsa e excitação ! Escrevi imediatamente à admirável médium, Mme. Gal, a incansável leader do Círculo «Fiat Lux» de Nice, informando-a da mensagem automática, para que ela fizesse os arranjos no sentido de conseguir a presença de todos os membros proeminentes do círculo à próxima sessão...

Mme. Gal respondeu, sem demora, estar de acôrdo com a reunião e me informaria do resultado.

«Aquí vai o relatório completo da sessão realizada na Rua Cais de Pierlas, Nice. E' muito interessante e o senhor póde lê-lo, se desejar».

A Fotografia psíquica obtida no Círculo de Nice, «Fiat Lux», reproduzida de uma figura publicada por «La Stampa» de Turim.

Os fatos, segundo as notas do relator, foram presenciados por dezesete assistentes, entre os quais Mr. Gariges, presidente do Grupo.

Pregar o Espiritismo é o mesmo que libertar do êrro e da ignorância aqueles que resumem a vida aos bens materiais. — L. B.

Uma Grande Perda ?

Leopoldo Machado

(DESENCARNE DE ARTUR LINS DE VASCONCELOS LOPES)

Tivemos a notícia, de primeira mão, pelo rádio, que classificou o desencarne do Lins de Vasconcelos de «uma grande perda».

Perda ? Mas, se o Cristo afirmara que «nada se perde no reino de meu Pai ?»

A volta, apenas, de um grande Espírito ao Espaço, depois de ter vivido a pior de todas as provas: a prova da riqueza, do muito dinheiro, conjugada a muita inteligência, a uma grande capacidade de trabalho...

E volta até protelada, como a nossa, afim de que ultimasse o que devia fazer.

Mais pecador do que êle, aquí estamos, ainda — êle, que, a estas alturas, devia ter escrito sôbre nosso desencarne ! — mais pecador do que êle, estamos aquí para sofrer mais, jungido a mais trabalhos, que ainda temos o que fazer !

Nosso primeiro sentimento foi o de inveja, acreditem !

Inveja, sim, embora seja um grave pecado para o espírita.

A protelação de sua partida foi de pouco mais de um ano...

A nossa, de quanto tempo?

* * *

Não temos idéia de haver convivido com outro espírita como êle.

De haver conhecido um temperamento igual, um carácter tão firme, uma amisade tão útil e desprendida. Alguém que recebeu tanto e tanto soube tanto !

Para nós, foi o maior obreiro desses últimos tempos.

Foi, numa palavra, o servo lealissimo dos *Cinco Talentos,* os quais soube colocar, a juros altissimos, em circulação.

* * *

Enfêrmo, e cardíaco, como nós, sua falta de saúde não lhe serviu de estorvo para realizar tantas coisas que outros, com mais saúde e tempo, podia fazer.

Milionário, soube aplicar seus milhões como poucos, como nenhum dos que temos conhecido, na causa do Bem, a beneficio da difusão maior da Doutrina.

Exemplos ? Mas, são tantos, santo Deus !

Uma feita, aparece-nos um *espírita* dos de maior projeção, pedindo dinheiro emprestado. Nós haviamos saído da construção onerosa de nosso colégio...

— Se você não póde, talvez possa abonar um emprestimo por seis meses com o Lins de Vasconcelos...

Só dois anos depois, soubemos que o emprestimo não fôra pago.

Corremos ao Lins de Vasconcelos para resgatar, em parcelas, o emprestimo.

— Não. Com o seu dinheiro, não ! Se êle, que já me deve tanto, viesse pagar... Eu sabia que êle não pagaria. Mas, você se desembolsar para pagá-lo ! Ora, desembolso por desembolso, eu, que posso mais do que você, já desembolsei...

Quando, pela terceira vez, resolvemos transformar nosso colégio num estabecimento francamente espírita, por fôrça de uma sociedade por cotas,—o único gênero de propaganda que nunca podemos realizar, que não creio, ainda se realize integralmente ! — a absoluta boa vontade de Lins de Vasconcelos, entre os espíritas endinheirados, foi quasi o único estímulo forte que tivemos.

Parece que não ha, no Brasil, instituição espírita de amparo social que não tenha sentido reflexos do Lins de Vasconcelos.

E pergunte-se aos *exploradores* da caridade espírita — e são tantos, tantos ! — se o Lins de Vasconcelos não lhes foi das prêsas mais fáceis...

Diplomata, deixou-nos a impressão forte e bela de que consagrara seus últimos anos ao serviço de aproximar os espíritas e as entidades espíritas mais sérias, de ação mais eficiente e equilibrada.

Foi nosso *braço forte* no «Congresso de Mocidades Espíritas», movimento que nos fôra sugerido pelo Campos Vergal, endossado por êle. Sua cooperação, sôbre ser a mais eficiente, não nos faltara uma só vez. E sua diplomacia chegara ao ponto de conseguir interrompessemos a série de artigos que vinhamos escrevendo contra os opositores gratuítos do Congresso, e de conseguir a séde da FEB. para o en-

cerramento do Congresso, recebendo, até, com admirável dignidade cristã, o diploma da FEB., na falta de diretor seu.

Dedicadissimo à Doutrina, salvara a *Gráfica Mundo Espírita* de desastrosa falência.

— Por que, se você sabe que é um mau negócio?

— Pior negócio para a Doutrina será sua falência. Está em jôgo o nome do Espiritismo e é preciso preservá-lo contra os azares de maus espíritas.

E sacrificou mais de um milhão só na *Gráfica Mundo Espírita!*

* * *

Salientamos aquí, sómente, os pontos altos de sua ação de espírita milionário e dinâmico, culto e bom, amigo e excelente companheiro. Tudo isso, e mais sua cultura geral, e mais seu tino jornalistico, e mais sua capacidade de ação construtiva, a serviço da Doutrina...

Deixámos, para último, o PACTO AUREO, a obra por que mais se batia, ultimamente.

Por sua interferência direta quasi, a Liga irmanou-se à Federação.

E o Conselho Federativo enviou ao Norte a Caravana da Fraternidade, indo êle até Recife.

E nós interrompemos tudo — em atenção a seu pedido insistente — para tomarmos parte da Caravana, e irmos até Manaus, com a passagem paga pelo Conselho, cujo pagamento, em verdade, saíra de sua bolsa.

Depois, nossa enfermidade grave.

Visitou-nos na CASA DE LUCIÁ, almoçando lá conosco.

E, diante do pouco caso que descobrimos na imprensa espírita de cá, fóra MUNDO ESPÍRITA, ao esfôrço herculeo da Caravana — na imprensa, é óbvio, que devia estar fremindo ao nosso lado! — foram ainda seus *panos quentes* que sustiveram nossa explosão pela imprensa, depois de mais de meia hora de conversa ao telofonio inter-urbano...

* * *

Diz-nos a consciência, querido irmão e amigo, que lhe não demos nenhum prejuizo material; que sempre soubemos cultivar sua amisade e admirar seus predicados de espírita rarissimo, na hora que passa.

O maior espírita desses últimos tempos.

Só isto, nos consola sobremodo, e nos põe em condição para êste preito!

Só isto, te deve falar profundamente à sensibilidade.

E até logo, Artur Lins de Vasconcelos Lopes!

Crônica Estrangeira

O Coveiro

Um capítulo de novo livro ditado pelo espírito de Lia.

Papel ingrato e triste o de fechar o livro da vida terrena! Dobrar a última página, numerar a fachada, catalogar o volume... Nada mais. A bibliotéca fica para os minutos ou para os séculos, assinalada pelo coveiro, sob cuja enxada se verga a glória do mundo. A terra que deita sôbre o livro não é vernis que preserva, é acidez que ajuda a transformar. Daí a tempos, o número continua a indicar um infólio que não existe. Em vão se poderá lêr a obra...

Êsse homem taciturno tem nas mãos a história dos corpos, como o cronista a história das almas. E' o escultor da natureza morta. Todas as vaidades lhe caem aos pés lodosos, todos os triunfos, todas as vitórias E não tem uma palavra de crítica para a vida que tombou. E' igual a outras tantas vidas que se exercem e acabam na vala comum, termo de jornadas interrompidas que o ponto final marcou. Sim, para êle são todas iguais. A boca que mordeu é igual à que abençoou. A mão que lapidou é igual à que demoliu. A mesma algidez envolve o corpo da cortesã e o da raínha. A morte é a rasoira no alqueire. Tudo se nivela no pórtico sombrio. Que importam os féretros puxados a oito cavalos? Que importam os ricos mausoleus? O destino é comum e dos interstícios da pedra escorre o mesmo fio de água verde. Qual será mais

belo: apodrecer na pedra ou apodrecer na argila? No fim de contas, tudo é apodrecer.

O coveiro olha para isto em silêncio. Não diz uma palavra. Mas cogita no seu infólio, perguntando a si mesmo quem o arrumará no subterrâneo, apontando o número aos curiosos que passem. Será mais um bloco submerso no arsenal das podridões. E encolhe os ombros ao pensar na sua vez... E' o calidoscópio celular que o impressiona. E começa a evocar:

— Êste Petronio tinha bolor nos lábios e os olhos comidos pela morfeia. O aprumo, o donaire, a jactância, esconderam-se num corpo encarquilhado que os vermes roerão. Aquêle rotundo agiota morreu especado a contemplar as moedas reluzentes que o não livraram da papeira. O ministro agaloado trocou os pulmões pelo jazigo. O ricto zombeteiro que ainda conserva, talvez se dirija aos que o adularam em fingidas curvaturas...

E a fileira estende-se, diferente e variada. Lavradores, industriais, funcionários públicos, generais, operários, homens sem profissão, mulheres de luto, salteadores, mendicantes, tudo pertence à história do coveiro. Dêle é sempre a última palavra... O seu olhar enigmático encara o despôjo e percorre-lhe os escaninhos. Nada fica por vasculhar na mirada inquiridora. As virgens mirradas ficam ao lado das matronas. Crianças imberbes, ao lado de velhos centenários. Tudo arrumadinho na bibliotéca. A vala é o lugar das brochuras desfeitas, cujas páginas meio delidas ostentam pétalas murchas que tiveram aroma. O granito é a percalina do cemitério. O mármore é a encadernação luxuosa de grandes parangonas. Mas em brochura, carneira ou percalina, o olor é sempre o mesmo. O estojo não altera a medalha. E' o pó amassado em glória ou amassado em lágrimas, subordinado à enxada do coveiro que tudo nivela, sem contemplação ou resquício de piedade.

Que haverá nos silêncios tenebrosos de sua alma inquieta? Que filosofia será a do homem que enterra os outros? Que noções terá do Além e do Aquém? E' governador de uma cidade estranha, onde cada um fala por escrito e outros emudeceram para sempre. De noite vigia o bairro Choupanas, palácios, casebres, tudo é objeto de seu reparo, nada escapa ao seu olhar de lince. Não tem chave, tem gazúa. Os mortos receiam-no. Quando se aproxima, encolhem-se para que os não veja. E' que seria horrível voltar à terra...

Nessas jornadas noturnas, o coveiro medita e compara. Pensa nas castas, no sangue azul, nas hierarquias, e um sorriso irónico lhe emoldura o rosto parado. Emblemas... distintivos... insígnias... paramentos... Que é isso, senão pó que a vaidade emoldurou? Na estranha cidade tudo se amalgamou, sob o signo da enxada. As honrarias tombaram, como folhas ressequidas. O orgulho rolou no pântano alimentado pela vaga. Só o coveiro se ergue no meio da voragem, hirto e silencioso, criador de legendas e numerador de corpos... E' senhor de um mundo exótico que inspira receio e tanto lhe obedece o mausoleu como o jazigo.

Todos os homens têm horror à cova. Queriam ser imortais e vêem com pesar o enfraquecer das células e o rolar dos anos. E se soubessem que a todas as horas, minutos e segundos se abrem covas em seu organismo sempre a decompor-se... A combustão orgânica crepita sem parar. As células não se extinguem: dão lugar a novas células. Só o espírito... O coveiro sabe... O enterramento da matéria deu-lhe noções perfeitas da vida. Êle sabe que o espírito é imortal e que a Terra é morada transitória. E ri-se da cidade de mármore que governa, atira-lhe o seu desdém, porque — diz êle — tudo é podre e nauseabundo na bibliotéca que arrumou. Da pompa dos féretros e da elegância da percalina só estrume resta devolvido à cova. A flôr é pó; o fruto é dejecto. A condição humana sumiu-se na argila com a filáucia e a basófia. Adeus, jactância, adeus vanglória! Agora, o organismo é um relógio paralizado. Ninguém lhe póde dar corda. E como as peças são intransmissíveis, não servirão mais a outros. Cova com elas, terra em cima e um número ao alto. «Aquí jaz um fautor de impérios que a desgraça arrasou». Além outro relógio desconjuntado que em vez de número tem um pórtico: «Aquí jaz um arquiduque». Gloríola vã que nada acrescenta ao valor do homem!

— O berço doirado — pensa o coveiro — amimou-lhe o corpo e embotou-lhe o espírito. Mas os despojos são iguais. Os epitáfios são anúncios a tanto por tabela. O mármore consente os maiores opróbios.

Ha títulos ao contrário. E' quando

a alma é lama. Isto diz o coveiro e talvez esteja perto da verdade. Há almas torvas, sombrias como calabouços. Irradiam pus, humor pestilento. E quando o corpo se arquiva, legendas o enfeitam de rosas. O bondoso e o angélico se irmanam no mesmo epitáfio. O coveiro sabe... o coveiro sabe tudo isso. E anda silencioso e taciturno. Se êle tivesse fôrças para recalcitrar! Se pudesse caldear o mármore e o granito e substituir as legendas, que coisas espantosas não surgiriam!... Mas não póde. A humanidade continuará a manter o coveiro e êle a enterrar a humanidade...

Gosta mais dos mortos, que dos vivos, tão preso está ao seu mister! Aqueles não recalcitram, estão sempre de acôrdo com êle. Não aceita reclamações... Só tem que vigiar os ossos...

Cidades mortas... cidades vivas... todas têm o seu coveiro operoso e solícito. Onde é preciso enterrar, aparece de enxada ao ombro, com o mesmo ricto, o mesmo esgare duvidoso. Olha, ouve, cogita e lança qualquer coisa sôbre a morte. Umas vezes, terra; outras vezes, lodo.

E sôbre a vida, que lança êle? Que enxada empunha, que covas abre, que peitos quebra o coveiro? Todos o sentem e desejariam enterrá-lo primeiro. Todos o vêem, todos lhe tocam... e fingem ignorá-lo.

Há coveiros de homens e coveiros de impérios, coveiros de corpos e coveiros de idéias. Cada um brande a sua enxada na cola do objetivo. Quando uma cova se fecha, duas se abrem no cenário da vida. As almas assistem ao entêrro, ouvem o *requiem*. Imprecações, revoltas, críticas acerbas, nada vem à superfície do rosto, que encara o fenômeno como coisa imanente.

Quem há aí que não tenha aberto uma cova? Que não tenha brandido a enxada, zurzindo alguém? Ou lançado terra ou lama sôbre um vencido? Ou denegrido ou vituperado?... Coveiros de ofício ou coveiros amadores, todos são coveiros de enxada na mão para o arranque final.

E odeiam o coveiro, fogem de seus passos como de peste negra, quando melhor fôra fugirem de si próprios. Assim haveria coerência.

Em certos campos há coveiros a mais e corpos a menos. As obras estiolam, as fôrças quebrantam e as covas surgem a cada passo, aliciantes e traiçoeiras. Vem a enxada e arrasa tudo. Outras obras se erguem, outros monumentos se constroem; e os coveiros, que pareciam ausentes, aproximam-se de olhar álgido e entram em função. Obras acima, obras abaixo. Covas que se fecham, covas que se abrem, porque o coveiro é necessário à criação.

Extraí o véu da letra para entender esta parábola. Grandes mistérios e grande sabedoria se concentram na alma do coveiro! Não é marco miliário, é pedra angular do edifício humano, que adora a vida e zomba da vida, da comédia de uns e da tragédia de outros. E' o ponto final de todos os dramas dêsse mundo.

Aquí, os coveiros são diferentes. Um dia os conhecereis. Por enquanto interessa-vos a matéria falaz, que é felicidade ou desgraça de muitos. Por isso é preciso abrir covas, hoje e sempre, para enterrar os mortos da vossa morte. E lembrai-vos que depois de morta a humanidade, o coveiro ficará de enxada ao ombro a contemplar a sua bibliotéca...

De «Estudos Psíquicos».

(De um novo livro ditado pelo espírito de LIA e recebido intuitivamente por Isidoro Duarte Santos).

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr. $50,00	Do 4.º ano Cr.$ 50,00	Do 5.º ano Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60.00
Do 22.º ano . . 60,00	Do 23.º ano . . 60,00	Do 24.º ano . . 60,00

ESPIRITISMO NO BRASIL

Visita à Confederação Espiritista Argentina

Tivemos a felicidade de visitar os nossos irmãos de ideal, diretores da Confederação Espiritista Argentina e trouxemos a mais carinhosa recordação dos momentos de fraternidade e entendimento que desfrutámos junto aos batalhadores da Terceira Revelação na bela Capital Portenha.

Pudemos observar que aproveitam bem a oportunidade de estudar e evoluír dentro da doutrina codificada por Kardec.

A Confederación Espiritista Argentina, localizada na Rua Sanchez Bustamante, 463, está bem instalada, possuindo amplo salão para palestras e conferências, além de belissima bibliotéca de obras espiritualistas. Essa conceituada instituição vem mantendo há dois anos o «Curso de Ensino Espírita», que é muito frequentado e procura orientar o Espiritismo na Argentina sob os princípios Kardecistas.

Explicou-nos o Sr. Manio Rinaldini, mui digno Presidente daquela casa, que a preocupação máxima no momento era a de orientar e educar devidamente os espíritas por intermédio do Instituto de Ensinos Espíritas, aprimorando-lhes os sentimentos, afim de que possam estar preparados para o conhecimento da grande mensagem da vida universal, com relação ao Todo e para difundir com maior clareza e profundidade os múltiplos aspectos do Espiritismo. Estão, pois, de parabens esses esforçados irmãos, com o seu modo de pensar, em procurar primeiro estudar e capacitar-se, antes de penetrar na parte prática da doutrina. Exemplo êste que muito lucrariamos se também o adotassemos.

Cumprie ressaltar aqui o trabalho da «Federação Argentina das Mulheres Espiritistas», que, com igual coragem, incentiva nossas confrades a lutar pelo seu aperfeiçoamento moral e intelectual a bem da humanidade.

A Confederação Espírita Argentina mantém o Ateneo Espírita de Letras e Artes, assim como o Grupo Juvenil, destinado a unir toda a juventude espírita, e também publica a revista mensal «La Idea».

Segundo nos declarou o Sr. Presidente, estes órgãos estão animados do fogo sagrado que irradia dos ensinamentos espíritas e existem bons indícios de que poderão no futuro estender por todo o país a influência redentora e renovadora do movimento espírita em benefício da coletividade.

Explicou-nos mais o Sr. Rinaldini que o número de espíritas na Argentina é superior a 100.000, havendo 150 sociedades espíritas, das quais 50 já se encontram confederadas.

Deixámos Buenos Aires muito bem impressionados com a obra da Confederación Espiritista, que em clima adverso tanto tem feito pela propagação da doutrina espírita.

Anita L. Briza.

Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro»

Durante os mêses de Março e Abril p.p., o salão da Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro», sito à Av. Rangel Pestana, 271, sobr.°, na Capital Paulista, recebeu em seu seio centenas de confrades que, ávidos de conhecimentos, ali foram para presenciar ocorrências importantes na História do Espiritismo Brasileiro.

Primeiro: A Mesa Redonda para os debates sôbre «Os Fenômenos de Poços de Caldas», em que falaram diversos confrades sôbre o momentoso caso que tem apaixonado a opinião pública do Estado e do País.

Segundo: A 31 do mesmo mês, aniversário do desencarne de Allan Kardec. Ocupou a tribuna daquela casa a ilustre conferencista Prof.ª Luiza Pessanha Camargo Branco, que deliciou o numeroso auditório, proferindo maravilhosa dissertação sôbre o ilustre e sábio Codificador da Doutrina dos Espíritos.

Terceiro: A 3 de Abril, de passagem pela Capital, fez-se ouvir ainda, o nosso querido e estimado irmão, Prof.

Romeu de Campos Vergal, Deputado Federal no Parlamento Nacional que, de acôrdo com sua proposta, transformou essa reunião numa homenagem ao sempre amado trabalhador da Seára Cristã e Universal, o ilustre confrade Dr. Augusto Militão Pacheco que, devido a sua idade, não poude comparecer, todavia fazendo-o através da presença de dois membros de sua família.

Enalteceu o orador as qualidades dêsse Apóstolo do Bem e do Amor, exaltando, com justeza, em belissima biografia, a fé, a devotação e o carinho do grande médico patrício.

Finda a sua preleção, o confrade Vergal foi aplaudido intensamente e, em meio as manifestações de júbilo e alegria, após a reunião, uma caravana de confrades, Diretores da Sociedade e amigos do homenageado, incorporados, seguiram para a residência do casal Pacheco, e de surprêsa, foram cumprimentá-lo bem como aos seus queridos familiares.

A família Pacheco ofertou doces, café, etc., aos presentes.

D'Angelo Neto e Vergal declamaram, a pedidos.

A reunião fraterna transformou-se numa festa espiritual, onde a poesia envolveu o coração de todos.

Eis pois, um resumo, dessa noitada de encantamento.

Desejamos apresentar aquí, votos de felicidade espiritual à nossa querida confreira, D. Anita Briza, que vem procurando na Presidência da Sociedade de Estudos Espíritas «3 de Outubro», imprimir uma série de trabalhos proficientes, tanto no setor da Assistência Social como no campo da divulgação e cultura evangélica. Que Deus abençôe os seus passos e de seus companheiros na jornada encetada, dando assim à Capital Paulista mais um Posto de Trabalho, a Serviço do Espiritismo.

—

CENTRO ESPÍRITA «MARIA EMILIA DE ALMEIDA»

Inauguração oficial da nova Séde — Rua da Liberdade, 688

A 5 de Abril p. p., realizou-se na Capital, a solenidade oficial da inauguração da nova séde social, sendo convidado para orador da mesma, o Deputado Romeu de Campos Vergal. Desde as primeiras horas da tarde dêsse dia, uma agitação de alegria invadia os confrades e irmãos daquela casa de trabalhos e, com início ás 20,30, assumiu a direção da mesa, o irmão José Garcia.

Entre membros e pessoas ilustres notamos as seguintes: D. Rita D'Orneles Bitar, representando o Exmo. Sr. Dr. Aguinaldo da Veiga Fernandes, Dr. Riscala Bitar, Redator do «Correio da Manhã», da Capital Federal, Dr. Anisio Sabbag, Dr. Elias Zaidan, Dr. Fernando D'Alessio, Dr. João Batista Dinóla, representantes da imprensa, diretores de Centros e Sociedades Espiritualistas.

A Banda Oficial da Guarda Civil de São Paulo, executa o «Hino Nacional» e a numerosa assistência, de pé, ouve com profundo e religioso silencio, os acórdes da música de Duque Estrada.

Após os aplausos, José Garcia diz das finalidades daquela noite e narra claramente o trabalho de mais uma filial, ligada ao C. E. Rodrigo Lobato de Rio Preto com um programa onde se incluem: Maternidade, Curso Primário Oficial, Doações de Enxovais para recem-natos, sendo fundador o confrade Campos Vergal.

O irmão Rachid, de Rio Preto, a convite preside a reunião e depois de breves palavras, ditas com o coração, dá a palavra ao irmão Silva, que faz a saudação e apresentação do orador.

A seguir, faz-se ouvir por uma hora e 40 minutos, o conferencista que, numa noite inspiradissima, deixa os ouvintes em suspenso.

Abordando assuntos de magna importância no setor educacional, Campos Vergal trouxe para a tribuna, páginas da Grécia, do Egito e da Europa, referente à «Vida dos Grandes Homens do Universo».

Socrates, Platão, Buda, Confúcio, Gandhi, Jesus, etc., foram revelados na palavra fluente do insigne professor de Serra Negra.

Com sua sinceridade peculiar, soube o orador gravar no coração de todos, as diretrizes para um mundo de Paz e Amôr.

O orador prestou ainda, uma delicada homenagem ao «Lar da Família Universal», ali representado pelo seu Presidente vitalício, o confrade e amigo Dr. João Batista Dinóla.

Uma outra homenagem foi presta-

da, e esta ao espírito de Bento Guedes Tavares, hoje na espiritualidade.

A oferta da séde foi feita pelo irmão Natalino, que também leu uma saudação aos presentes e aos Diretores da Casa. Por último, em nome da «Revista Internacional do Espiritismo» e da imprensa espírita do Estado, falou o cronista desta, que também disse da alegria e do contentamento de todos, ouvindo nessa inesquecível noitada, algo de belo e sublime, na palavra conceituada do ilustre orador.

Assim pois, avança a Doutrina dos Espíritos na Pátria do Evangelho e Coração do Mundo.

Parabens pois, aos profitentes da 3.ª Revelação.

Vicente S. Neto.

V Concentração de Mocidades

Conforme noticiámos amplamente, realizou-se em Campinas, de 10 a 13 de Abril último, a V Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a qual constituiu um dos mais notáveis movimentos de confraternização dos espiritas jovens e velhos.

Os trabalhos foram intensos, notando-se vivo interêsse de todos. Iniciados pela manhã, prosseguidos à tarde e arrematados à noite com vibrantes sessões públicas, onde compareceram, além da família espírita campineira, os integrantes das 36 cidades credenciadas, os trabalhos alcançaram o mais completo êxito, constituindo mesmo um rumo seguro para as futuras Concentrações.

Das teses apresentadas foram lidas as três primeiras classificadas na seguinte ordem: 1.º lugar, Mocidade Espírita de Barretos; 2.º lugar, Mocidade Espírita de Araraquara; 3.º lugar, Mocidade Espírita de Juiz de Fóra.

Durante a Concentração realizou-se torneios evangélico-doutrinários e foram apresentados artísticos números de cantos e declamações, momentos de grande alegria e vibração espiritual.

Uberlândia foi a cidade escolhida para a VI Concentração de Mocidades, visto que êsse movimento necessita ser deslocado desta vez, para a zona do Triângulo. O seu Conselho Diretor ficou assim constituido: Presidente, Dr. Wilson Ferreira de Melo; secretário, Aidar Peres; tesoureiro, Emmanuel Chaves; membros: Antonio Fassina e Orlando Ayrton Toledo.

Aos nossos assinantes da Capital Federal

Avisamos aos nossos assinantes residentes na Capital Federal que o confrade Thales Pereira é o nosso novo representante, estando autorizado a angariar e receber as assinaturas novas e atrasadas desta publicação.

O escritório de representação do confrade Thales Pereira, que em breve visitará os nossos assinantes, é na Rua Juan Pablo Duarte, 19, 2.º andar, sala 2, telefones 22-5300 e 48-0612.

Solicitamos aos nossos distintos assinantes da Capital Federal, aguardarem, portanto, a visita dêste nosso representante, dispensando-lhe bôa atenção, pelo que antecipadamente agradecemos.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da Sessão realizada em 1.º de Março de 1952.

Ausência Justificada — Entre os que justificaram sua ausência, acha-se Antonio Wantuil de Freitas, que presidiu a todas as sessões anteriores, mas teve agora que se ausentar da Capital, para tratamento de saúde. A sessão foi presidida por F. V. Rocha Garcia, Vice-Presidente.

Rio Grande do Norte — Realizou-se com muito êxito o segundo Congresso das Juventudes Espíritas Nordestinas, em Natal, no qual o nosso Departamento da Mocidade esteve representado por Atlas de Castro.

Pernambuco — Realizou-se de 9 a 16 de Fevereiro dêste ano o 13.º Congresso Brasileiro de Esperanto, no qual a F. E. B. esteve representada por Ismaèl Gomes Braga que presidiu o conclave e realizou cinco palestras doutrinárias espíritas nas sédes das grandes instituições espíritas de Recife, havendo posto em evidência em seu relatório as

excelentes impressões do movimento espírita naquela grande metrópole. Há modelares serviços de assistência social, órgãos doutrinários bem orientados, e reina perfeita harmonia doutrinária com a F. E. B. No quadro do 13.º Congresso de Esperanto realizou-se uma sessão espírita doutrinária exclusivamente na língua simbólica da confraternização universal, sob a presidência de nosso consócio Allan Kardec Afonso Costa, na qual se fizeram ouvir dez oradores espíritas esperantistas dos mais diversos pontos do País, ficando demonstrado que o nivel cultural dos espíritas está se elevando no Brasil.

Paraíba — Foi adquirido um excelente prédio de dois pavimentos pela Federação Espírita Paraibana, no melhor ponto de João Pessoa, entre a Catedral e o Seminário católico, para cujo pagamento a Federação Espírita Paraibana recebeu um donativo do Dr. Lins de Vasconcelos, de duzentos e sete mil cruzeiros. O presidente da Federação, José Augusto Romero, dirige pelo rádio um programa doutrinário semanal. Todo o movimento no Estado progride rapidamente, conforme informações do representante Dr. Miranda Ludolf.

São Paulo — Carlos Jordão da Silva informa que a U. S. E. já se dirigiu a todas as organizações espíritas do Estado, solicitando os dados sôbre seus serviços em geral e serviços de assistência social em particular, para atender ao Departamento de Assistência Social, conforme deliberação do C. F. N.

Santa Catarina — Nos dias 15, 16 e 17 de Fevereiro dêste ano, realizaram-se as solenidades de inauguração do novo prédio da Federação Espírita Catarinense, solenidades em que o C. F. N. esteve representado pelos Drs. Manoel Bernardino e Lins de Vasconcelos que presidiu à inauguração. Há manifesta bôa vontade dos Poderes Públicos do Estado pelos serviços de assistência social da F. E. C.

O Governador do Estado esteve representado e o Prefeito da Capital tomou parte pessoalmente na inauguração.

Alagôas — O representanie de Alagôas comunica que se acha nesta Capital o Secretário da entidade de âmbito estadual, mas ainda não tiveram os encontros necessários a tratar de assuntos do movimento espírita do Estado, o que espera realizar-se em breve.

Goiás — O Dr. Francisco Nogueira, representante da entidade de âmbito estadual de Goiás, comunica que se inaugurou solenemente a séde própria do Centro Espírita «Cristo Redentor», na velha e rica cidade de Itaberaí, a 132 quilómetros da Capital. Uma representação dos espíritas de Goiânia, com o título de «Caravana Ismael da Fraternidade» compareceu à inauguração. Acrescenta o relator que o movimento espírita naquela cidade nasceu em consequência de retumbantes fenômenos físicos espontâneos que abalaram a população e despertaram interêsse pelo estudo do Espiritismo; foi obra dos Espíritos, porque quando os homens se calam até as pedras falam e gritam que os tempos são chegados.

Enviado Especial — Atlas de Castro elaborando bem documentado relatório de sua viágem ao Norte e Nordeste do País, acompanhando-o de numerosas fotografias colhidas em capitais visitadas, e já poude adiantar que o serviço de unificação acha-se em bom caminho e o movimento é muito promissor. Se bem que, por motivo de fôrça maior, realizasse apenas uma parte da viágem, tem muito a relatar na próxima sessão.

—

Súmula da Ata da Sessão de 5 de Abril de 1952.

Lins de Vasconcelos — Iniciou-se a sessão orando-se pelo querido companheiro que acaba de regressar à Pátria Espiritual, Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, e a primeira peça de correspondência lida no expediente foi um telegrama dêle, recebido com atraso, nos seguintes termos: «Impossibilitado de viajar, peço justificar minha ausência sessão do C. F. N. amanhã, pedindo o favor de constar de ata auspiciosos trabalhos assistenciais nas cidades de Rio do Sul, Laguna, Santa Catarina, e Abrigo Espírita Santa Maria, Rio Grande do Sul e outros lugares. — Lins de Vasconcelos». Prosseguindo a leitura do expediente, o segundo secretário dá conhecimento de telegramas exprimindo pesar pelo passamento do representante do Paraná, recebidos de Salvador, Belo Horizonte, Recife e outros lugares. Jordão comunica que representou o C. F. N.

nos funerais do grande trabalhador, em nome da U. S. E. propõe que conste na ata um voto de louvor e gratidão pela dedicação e eficiente colaboração que êle sempre prestou à obra de unificação e ao movimento espírita do Brasil, e comunica que cinco membros da U. S. E. visitaram a viúva e lhe hipotecaram sua solidariedade no transe penoso pelo qual acaba de passar, oferecendo-lhe os serviços que possa desejar. Atlas relata que em nome do C. F. N. fez uma visita ao saudaso amigo em seus últimos dias de encarnação. Outras mostras de carinho e saudade foram expressas a Lins na sessão, e, por fim, na prece final, foi seu nome novamente incluído em nossas súplicas.

São Paulo — Jordão repete o convite já feito em ofício para o 3.° Congresso Espírita Estadual e para a 5.ª Concentração das Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de S. Paulo, a realizar-se nos dias 11, 12 e 13 dêste mês; em Campinas. O Presidente nomeia Atlas de Castro para representar a F. E. B., o C. F. N. e o Departamento da Juventude, na Concentração a realizar-se em Campinas.

Estado do Rio — A Secretaria encaminha ao Dr. Imbassahy um ofício do Centro Espírita «Flora de Araujo», de Rezende, sôbre assuntos de unificação e o C. F. N. ouve esclarecimentos do representante sôbre os trabalhos de unificação que se vêm processando em Niterói.

Paraíba — Ludolf apresenta pormenorizado relatório das atividades da Federação Espírita Paraibana, conforme prestação de contas da Diretoria no fim do exercício concluído em 28 de Fevereiro dêste ano. Foram reeleitos para o novo exercício os mesmos diretores, sob a presidência do confrade José Augusto Romero. Durante todo o ano realizaram-se as sessões públicas doutrinárias de terças e sextas-feiras, nas quais foram estudados os livros de Allan Kardec e J. B. Roustaing, e aos domingos realizaram-se sessões de evangelização na Casa de Detenção, de João Pessoa. No correr do ano a Federação recebeu dois donativos, um de um prédio e outro de um terreno, num valor total de Cr. $ 357.000,00, ambos doados por Lins de Vasconcelos.

Santa Catarina — O Dr. Bernardino dá um relatório de como estão funcionando os serviços assistenciais na nova séde da Federação Espírita Catarinense, conforme ofício recebido do Presidente Osvaldo Melo.

Espírito Santo — O Dr. Francisco Gonçalves transmite noticiário recebido do Presidente Didimo Moraes sôbre o funcionamento da Federação do Espírito Santo e das grandes e tradicionais instituições espíritas existentes naquêle Estado, algumas das quais conhecidas em todo o País pelas suas sólidas realizações. Doutrinariamente há perfeita unidade na prática do Espiritismo em todo o Estado. Se alguma divergência houver, será de opiniões pessoais, nunca doutrinárias.

Ceará — Henrique Magalhães informa que estão sendo colegidos os dados sôbre os serviços de assistência social existentes no Estado, para serem fornecidos ao C. F. N., conforme informações recebidas de Fortaleza.

Pernambuco — O Prof. Porto Carreiro comunica que foi inaugurado em Recife o «Lar Espírita João Evangelista», destinado a recolher os órfãos desamparados desde zero dias até a emancipação ou o casamento, ou enquanto viverem, caso em maior idade prefiram continuar pertencendo ao Lar; e que em 7 de Março, em comemoração do 10.° aniversário do Instituto Espírita «João Evangelista» foi inaugurado o curso ginasial do Educandário «João Evangelista». D. Helena Moreira Valente completa as informações já publicadas nos diários de Recife a propósito do aviso mediúnico por ela recebido sôbre o perigo de ruír em que se achava o teto de um hospital espírita. Examinadas as traves, verificou-se o eminente perigo e tiveram que ser retirados com urgência todos os doentes e empregados do hospital, para ser reparado o edifício. Sem o reiterado aviso, teriam corrido perigo muitas vidas.

Eutanásia — A U. S. E. propõe que o C. F. N. se manifeste à O. N. U. contra a eutanásia, num inquerito mundial que as Nações Unidas promoveram. O Presidente nomeia os Drs. Francisco Gonçalves e Miranda Ludolf para redigirem o memorial que terá de ser enviado à O. N. U.

Substituições — Jordão comunica que pela exoneração do Prof. Leopoldo

Machado e pela desencarnação de Lins de Vasconcelos é necessário proverem-se duas vagas em comissões: na Comissão de Propaganda e Unificação tem que ser nomeado substituto para Leopoldo Machado e na de Assistência Social, à de Lins de Vasconcelos. Ismael observa que também na direção do Departamento de Assistência Social da F. E. B. deu-se vaga pela desencarnação, possivelmente o diretor a ser nomeado poderá exercer as duas funções, como o fazia Lins. O Presidente comunica que aguardará que os respectivos Estados — Paraná e Bahia — preencham as vagas em suas representações, para depois fazer as nomeações.

Projeto de Normas — Ficou adiada a discussão do projeto, por se achar completamente esgotado o tempo e o assunto ser de muita importancia para ser tratado apressadamente. Ismael e o Dr. Francisco Gonçalves tomam a palavra para fazer breves considerações de principios gerais, para os quais pediram a meditação dos Conselheiros no estudo que estão fazendo do projeto apresentado pela Comissão. O primeiro pediu refletir-se que as normas serão obrigatórias para a F. E. B., por terem de ser por ela emitidas, e como a F. E. B. para certo numero de sessões já tem normas estatuárias inalteráveis, nestes pontos as Normas não se poderão afastar do que já existe em prática desde a fundação da F. E. B., conforme os artigos 1.º e 2.º dos seus Estatutos. O segundo faz considerações sôbre o perigo de cursos pormenorizados para doutrinadores e médiuns, como se acha no projeto. São questões gerais que devem ser bem meditadas pelos representantes que terão de discutir e votar o projeto nas proximas reuniões.

NECROLOGIA

Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes

Mais um grande claro acaba de abrir-se na fileira espírita com o passamento dia 21 de Março último, na Capital, quando em viagem para Curitíba, do nosso confrade Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, um dos mais ativos obreiros da seára espírita e um dos maiores propagandistas da Doutrina pela imprensa, onde o seu trabalho o apresentou como um verdadeiro jornalista espírita, um jornalista de vastos recursos intelectuais, espirituais e morais.

O Dr. Lins de Vasconcelos nasceu em Pernambuco a 27 de Março de 1891. Cedo transferiu-se para Curitíba, onde morou até 1930, e desta data em diante, no Rio de Janeiro.

Tornou-se sócio da Federação Espírita do Paraná em 31 de Janeiro de 1912. Já em 1913 era diretor do jornal «Monitor Espírita», depois de passar pelos cargos de tesoureiro e secretário.

Membro da Federação Espírita do Paraná desde 1914 e presidente da mesma nos anos de 1916 e de 1923 e 1926; atual presidente honorário.

Membro do Conselho Federativo Nacional e da Federação Espírita Brasileira. Membro efetivo da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. Diretor do «*O Mundo Espírita*» brilhante órgão da imprensa espírita do Rio de Janeiro.

Não faz muito integrou a «Caravana da Fraternidade» que, partindo do Rio visitou vários Estados do norte, em procura de maior união entre os nossos irmãos daqueles Estados.

O corpo material foi transferido para Curitíba, ficando exposto à visitação pública, até ás 9 horas do dia 22. Nêsse momento, perante grande número de pessoas fez o sr. Nogueira dos Santos, comovente prece.

De acôrdo com o pedido feito por Lins de Vasconcelos, e, de acôrdo com a Prefeitura local, seu corpo foi enterrado no Sanatório «Bom Retiro», uma de suas obras. Momento antes falaram:

Pela Federação Espírita do Paraná: Dr. Lauro Schleder. Em nome da Sociedade Socorro aos Necessitados: Dario Zebin. Pelo Centro Espírita Jesus de Nazareth: A. Modar Ferreira. Pelo Centro Espírita Francisco de Assis, de Ponta Grossa: Alvaro Holsmann.

Elevando os nossos pensamentos para Jesus, numa prece fervorosa, solicitamos-lhe proporcionar ao espírito dêsse nosso companheiro, felicidade e paz.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO – E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$ 40,00
	Semestre	— ,,	,,	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	50,00
	Semestre	— ,,	,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro